



Universidade Federal do Amazonas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA

USO SOCIAL DO AMBIENTE: UM ESTUDO COM JOVENS
MORADORES DO ENTORNO SUL DA RESERVA FLORESTAL
ADOLPHO DUCKE

IGOR JOSE THEODOROVITZ

Manaus- AM

2009



**Universidade Federal do Amazonas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade na Amazônia PPG/CASA**

IGOR JOSE THEODOROVITZ

**USO SOCIAL DO AMBIENTE: UM ESTUDO COM JOVENS
MORADORES DO ENTORNO SUL DA RESERVA FLORESTAL
ADOLPHO DUCKE**

**Dissertação apresentada ao curso de
mestrado em Ciências do Ambiente e
Sustentabilidade da Amazônia – PPG-
CASA da Universidade Federal do
Amazonas, como requisito para
obtenção de título de Mestre em
Ciência do Ambiente e
Sustentabilidade no Amazonas, áreas
de concentração de Gestão e Política
Ambiental.**

Orientadora: Maria Inês Gasparetto Higuchi, Prof^a. Dr^a.

Manaus- AM

2009

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

Theodorovitz, Igor Jose

388u : Uso social do ambiente: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke / Igor Jose Theodorovitz. - Manaus: UFAM, 2009.
77 f.

Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia) — Universidade Federal do Amazonas, 2009.

Orientadora: Prof^a.Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi

1. Geografia humana 2. Espaço- Geografia 3. Territorialidade I. Maria Higuchi, Inês Gasparetto II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

CDU 911.3(811)(043.3)

IGOR JOSE THEODOROVITZ

USO SOCIAL DO AMBIENTE: UM ESTUDO COM JOVENS
MORADORES DO ENTORNO SUL DA RESERVA FLORESTAL
ADOLPHO DUCKE

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia – PPG- CASA da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção de título de Mestre em Ciência do Ambiente e Sustentabilidade no Amazonas, áreas de concentração de Gestão e Política Ambiental.

Aprovado em 28 de julho de 2009

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª Maria Inês Gasparetto Higuchi, Presidente
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia

Prof^ª. Dr^ª Ivani Ferreira de Faria, Membro
Universidade Federal do Amazonas

Prof^ª. Dr^ª Maria Alice Becker, Membro
Universidade Federal do Amazonas

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus.

Agradeço a meu Pai e minha Mãe que mesmo a distancia estiveram presente em meu cotidiano em orações e pensamentos, o amor que deles recebo nas confortantes ligações telefônicas de todos os domingos à noite.

Agradeço a minha Leandra que em todos os momentos esteve ao meu lado como grande amiga e companheira, obrigado por me amar e deixar te amar.

Agradeço aos meus irmãos, Akim, Érico, Érica e Nilson que em momentos difíceis mesmo sem saber me deram palavras de esperança, força, amor e incentivo para que minha caminhada acadêmica chegasse a esse ponto.

Agradeço a mãe de minha esposa que muitos denominariam sogra, no meu caso não tenho como não chamá-la de Mãe que em Ponta Grossa me deram outra família, obrigado Vó.

Agradeço aos meus sobrinhos preferidos Felipe, Fernando e Amanda por existirem.

Agradeço a minha Orientadora Maria Inês que teve paciência de mãe e que sempre teve as palavras certas na hora certa para me levar ao caminho que hoje quero para minha vida.

Agradeço a banca examinadora

Agradeço aos meus compadres Carlos e Claudia, culpados da minha presença em Manaus e por sempre ter um lugar em seus corações, obrigado.

Agradeço aos meus amigos Marcos Silva e Simone, e seus filhos, Eldeni e Micheli, Marcela e a Maria Eduarda, Edson e Janete, e os meninos, Seu Raimundo e Dona Emília, que estão guardados em meu coração.

Agradeço a UFAM que proporcionou o ambiente de formação científica.

Agradeço ao PPG-CASA e ao CCA em especial a Dr^a Sandra Noda, Rai e Cleyde que sempre estiveram dispostas em proporcionar o melhor.

Agradeço a FAPEAM pelo apoio no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a minha segunda família em Manaus, a equipe LAPSEA/INPA, que me acolheu como um filho desde setembro de 2005.

Agradeço a Nazaré uma pessoa que aprendi a gostar e respeitar, minha companheira de trabalho no interior.

Agradeço aos colegas do mestrado que estiveram em diversos momentos felizes e perturbadores, a vocês: Carlos Henrique, Sônia, Artur, Beto, Carlos Augusto, Whashintom, Laércio, Alexandre, Alexandra, Zé Maria, Nete, Frandinei, Paola, Paulo, Ranieri, Heleno, Andreza, Fernando, Débora, Márcia, Ivanilce, Neidile e Ana Lígia.

Agradeço ao pessoal do Laboratório de Manejo Florestal que me acolheu com carinho e me ensinou o que sabem de melhor, trabalhar em grupo e claro conhecer a floresta, Dr. Niro e os amigos Adriano, Chico, Fabi, Adélia, Jana, Pri, Carçoço, Chicó, Cuiú, Paulinho, Vandeco e outros.

Agradeço as pessoas que deixei de citar mais que fazem parte da minha vida e que completam o que sou.

Obrigado.

*"Quanto melhor é adquirir a sabedoria
do que o ouro! e quanto mais excelente é
escolher o entendimento do que a prata."*

(prov. 16:16)

RESUMO

THEODOROVITZ, I. J. Uso Social do Ambiente: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke. Dissertação de Mestrado. Programa de pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – CCA/UFAM. Manaus, 2009

O ordenamento territorial caracteriza-se como uma manifestação dos aspectos sociais, de modo a manter a funcionalidade de sua própria realidade. No pensamento vigente há um lugar para a natureza e outro para a sociedade humana. Algumas áreas são organizadas para morar, enquanto outras áreas são escolhidas para serem protegidas. Em alguns lugares os acessos são permitidos para um grupo enquanto que, noutros lugares há um impedimento. A partir dessa ordem social instituída para o espaço, este estudo se propôs a analisar os usos sociais de jovens que vivem no subúrbio de Manaus numa área de entorno da Reserva Florestal Ducke e como esses jovens estabelecem tal uso levando em consideração a frequência, o apego e pertencimento aos lugares. Essa investigação levou em conta o cotidiano dos jovens em lugares de formação pessoal e familiar, lazer e esportes e errância. Participaram desse estudo 130 jovens de ambos os sexos. Os resultados apontaram que os lugares referentes à formação pessoal e social são espaços importantes na vida dos jovens entrevistados, os quais via de regra, possuem índices de frequência e satisfação muito elevados e se destacam como ambientes de referência para atividades educacionais e de cidadania. Constatou-se ainda que os jovens desenvolvem atividades diversas e com intensidades também distintas nos lugares destinados ao lazer e esporte e de errância. Entretanto, esses lugares são considerados mais ambientes de socialização (lugares de interação com outros jovens – fazer amigos) do que necessariamente atividades específicas que o lugar oferece. Estes lugares não são freqüentados pela maioria dos jovens, mas os que os freqüentam mostram índices elevados de satisfação, o que nos indica a formação de territorialidades juvenis a partir dessa identificação em cada ambiente. Tais lugares são assim apropriados pelos jovens os quais atribuem fortes evidências de apego, onde os lugares de formação pessoal e social se destacam, seguidos pelos lugares lazer e esporte e por fim, os lugares de errância. As constatações desse estudo nos informam que esses jovens, mesmo tendo restrições de possibilidades, criam territorialidades com o pouco que lhes é oferecido e os transformam para verem suas necessidades socioambientais supridas.

Palavras chave: Territorialidade - Jovem

ABSTRACT

THEODOROVITZ, I. J. **Uso Social do Ambiente: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – CCA/UFAM. Manaus, 2009

The territorial ordainment characterized as a manifestation of social aspects in order to maintain the functionality of their own reality. In the current thinking is a place for nature and one for human society. Some areas are organized to live, while other chosen to be protected. In some places the accesses are allowed for one group while in other places there is an impediment. From this social order established for the area, this study proposed to examine the social uses of young people living in the suburb of Manaus in a surrounding area of the “Reserva Ducke” forest provide these young people and how such use taking into account the frequency, the attachment and belonging to place. This research took into account the daily life of young people in places of social e family formation, leisure and sports, and wandering places. Hundred and thirty youngster took part of this study. The results showed that the places relating to personal and social formation are important spaces for those young people, which as a rule, pointed high indices of frequency and satisfaction and stand out as a reference for educational and citizenship dimensions. It was also evident that those young people develop different activities with different intensities in places for leisure and sport and the wandering places. However, these places are considered as space of socialization relations (where to interact with their peers – friendship opportunities) than necessarily specific activities that these places offer. Even though the places presented are not frequented by most of these youngsters, those who attend show high levels of satisfaction, which suggests the formation of juvenile territorialities. These places are thus suitable for young people who give strong evidence of attachment, where the places of personal and social education are highlighted, followed by leisure and sport seats and finally, the wandering places. The findings of this study tell us that these young people, even with restrictions of opportunities, create territorialities from such those very few possibilities they receive and turn to see their social needs met.

Keywords: Territorialities - Young

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição dos participantes em função da faixa etária e sexo	30
Tabela 2: Distribuição dos participantes em função do sexo e escolaridade	30
Tabela 3 – Frequência dos jovens nos lugares de formação pessoal e social	33
Tabela 4 - Frequência dos jovens nos lugares de lazer e esportes	36
Tabela 5 - Frequência dos jovens nos lugares de errância	37
Tabela 6 – Percentagem da frequência dos jovens nos lugares em função do tipo de uso	39
Tabela 7 - Atividade desenvolvida em lugares de FPS	42
Tabela 8: Atividade desenvolvida em lugares de LE	44
Tabela 9: Atividade desenvolvida em lugares de ER	46
Tabela 10: RM das questões relacionadas ao apego aos lugares	49
Tabela 11: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de FPS	53
Tabela 12: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de LE	54
Tabela 13: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de ER	55
Tabela 14: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de FPS	57
Tabela 15: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de LE	58
Tabela 16: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de ER	59

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Valor do Ranking médio dos lugares de FPS, segundo o grau de satisfação dos jovens ...	52
Gráfico 2: Valor do Ranking médio dos lugares de LE, segundo o grau de satisfação dos jovens	54
Gráfico 3: Valor do Ranking médio dos lugares de ER, segundo o grau de satisfação dos jovens	56
Gráfico 4: Valor ranking médio dos lugares de FPS, quanto a intenção de fazer bons amigos	57
Gráfico 5: Valor ranking médio dos lugares de LE, quanto a intenção de fazer bons amigos	58
Gráfico 6: Valor ranking médio dos lugares de Errância, quanto a intenção de fazer bons amigos	60

LISTA DE ABREVIATURAS

CNS: Conselho Nacional de Saúde.

ER: Errância.

FPS: Formação Pessoal e Social.

INPA: Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

LAPSEA: Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental.

LE: Lazer e Esporte.

RFAD: Reserva Florestal Adolpho Ducke.

RM: *Ranking* Médio.

UFAM: Universidade Federal do Amazonas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
2. ESPAÇO, LUGAR E TERRITÓRIOS.....	16
3. USO SOCIAL DO AMBIENTE: APROPRIAÇÃO E TERRITORIALIDADE.....	20
4. USO SOCIAL DO AMBIENTE NA JUVENTUDE.....	24
5. PROCESSOS METODOLOGICOS DA PESQUISA.....	29
5.1. Instrumento da pesquisa.....	29
5.2. Participantes da Pesquisa.....	30
6. OS JOVENS E USOS SOCIAIS DO AMBIENTE.....	32
6.1. Frequência do uso social dos lugares pelos jovens.....	32
a) Lugares de formação pessoal e social.....	33
b) Lugares de Lazer e Esporte.....	36
c) Lugares de Errância.....	38
6.2. Atividades desenvolvidas pelos jovens nos diversos lugares.....	42
a) Lugares de formação pessoal e social.....	43
b) Lugares de Lazer e Esporte.....	44
c) Lugares de Errância.....	46
6.3. Pertencimento e apego aos lugares pelo tipo de uso social.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
ANEXO I - QUESTIONÁRIO.....	69
ANEXO II – PROTOCOLO DE APROVAÇÃO DO CEP.....	73
ANEXO IIIa - CARTA DE ANUÊNCIA SEDUC.....	74
ANEXO IIb - CARTA DE ANUÊNCIA - SEMED.....	75
ANEXO IV - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Pais.....	76
ANEXO V - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Jovens.....	77

INTRODUÇÃO

O uso social do ambiente produz cenários distintos onde a sociedade demanda não apenas os recursos naturais mas também transforma os espaços. A ocupação do espaço produz lugares distintos, territorialidades e formas específicas de apropriação desse lugar. Os usos constituem a concretude física do lugar da mesma forma que este manifesta formas sociais de grupos que o formaram. Diante disso, um lugar nunca será totalmente distinto de outro nem totalmente semelhante, mas sim uma constituição local com características da vida cotidiana de outros lugares, deixando-o, de alguma forma, associado ao espaço global (FERRARA, 1999).

Os ocupantes desses lugares, por sua vez, se constituirão nesse processo juntamente com a constituição do ambiente em que estão engajados. Os adultos de hoje trazem consigo aspectos que foram sendo formados pelos seus antecedentes que ao reproduzir tais usos e significados, também foram transformando, inovando e produzindo novas formas de apropriação e relação com o entorno. Se os adultos estruturam o mundo para os jovens e crianças, vê-se um viés processual de reprodução, porém estes segmentos juvenis também contribuem com novas idéias e novas formas de se relacionar com o ambiente.

No caso da ocupação das áreas de moradia na cidade de Manaus, muitas famílias foram se fixando em lugares não planejados e distantes da organização espacial urbana. Em torno de duas décadas Manaus foi sendo rapidamente ocupada por famílias que buscavam uma nova vida na cidade. Esse movimento de ocupação urbana criou aglomerações em áreas intersticiais no centro da cidade, mas a periferia foi também se expandindo até chegar a áreas florestais mais distantes. Entre tantas ocupações, a zona leste foi a que se consagrou como unidade de maior densidade populacional em poucos anos. Em menos de duas décadas as aglomerações “tocaram” os limites da Reserva Florestal Adolpho Ducke (RFAD).

A RFAD é um fragmento florestal com uma área total de dez mil hectares de floresta tropical úmida de terra firme, atualmente dentro dos limites urbanos de Manaus. É uma extensa área verde quadrilátera ao norte do Município, rodeada por localidades densamente ocupadas. Desde sua criação a reserva é lócus de pesquisas e tem sido mantida pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA).

As famílias, muitas de jovens casais, foram se fixando no entorno da RFAD e lá estabeleceram uma forma de uso e vivências próprias, onde os recursos da reserva se tornavam, em muitos casos, a única fonte de benefícios materiais (madeira, alimentação, água, etc.) e sociais (igarapés para lazer, caminhadas na mata e aventura de exploração do lugar). O aumento da população humana trás impactos significativos na dinâmica da floresta e seus recursos (COSTA & SCARIOT, 2003). De modo especial no entorno sul e sudeste, onde construções populares fazem limite com a RFAD é onde se encontram os impactos mais severos da vegetação e demais recursos naturais, tanto nas localidades vizinhas quanto dentro da RFAD (LIMA, A.P. [et AL], 2006).

Nesse processo de estabelecimento de áreas residenciais a ocupação da reserva é apenas um dos aspectos de uso do espaço ali disponível, e por ser considerada uma ação depredatória, o uso da floresta é a questão mais preocupante na ocupação desses lugares para moradia daquelas pessoas. Sabe-se, no entanto, que nas localidades do entorno da reserva, aqueles moradores foram, ao longo dos anos, estabelecendo suas territorialidades, mediante as necessidades sociais por eles vividas, com formas distintas de apropriação e apego aos lugares.

A partir da história vivida pelos adultos, os jovens foram incorporando comportamentos específicos de uso social dos espaços disponíveis ou criando novos espaços para atender suas expectativas e necessidades sociais. Estariam esses jovens formando arranjos e ordenamentos espaciais diferenciados daqueles jovens que vivem em outras áreas da cidade? Estaria presente a idéia de proteção da reserva florestal no uso do espaço do

entorno? Esses espaços teriam uma formatação de território público e privado instituindo usos e práticas diferenciadas pelos jovens? Considerando essas questões, esse estudo teve como foco a análise das territorialidades produzidas pelos jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke. Mais particularmente este estudo descreve os tipos de territorialidades usadas pelos jovens no seu cotidiano; identifica tipos de uso social dos jovens nos territórios, assim como, descreve algumas características de apego que o jovem possui com os lugares utilizados.

Essa problemática a respeito do uso e a constituição de territorialidades pelos jovens surgiram durante o período das atividades de educação ambiental desenvolvidas pelo Laboratório de Psicologia e Educação Ambiental do INPA (LAPSEA), quando estive integrado como bolsista de pesquisa. Apesar dos jovens demandarem atividades sociais do LAPSEA, poucos deles respondiam de forma efetiva às propostas de ações educativas por ele solicitadas. Mesmo estando aparentemente ociosos, os jovens resistiam em participar de atividades e se encontravam distantes dos processos mobilizatórios. Observou-se que, para a construção de um novo repertório de comportamento que integre os jovens e os mobilize efetivamente, de modo particular nas questões de zelo para com a reserva florestal, é necessário à compreensão de como esse jovem vive, como se organiza socialmente e quais as territorialidades.

Com informações peculiares ao uso social do ambiente espera-se contribuir – ainda que modestamente e com as limitações próprias dessa pesquisa, na proposição de ações eficazes e eficientes a fim de contribuir na compreensão das relações entre as pessoas e delas com o meio ambiente.

2. ESPAÇO, LUGAR E TERRITÓRIOS

Muito se tem escrito sobre a relação sociedade e espaço. Moreira (2006) reafirma o que muitos estudiosos apresentaram, de que a produção da espacialidade é aspecto das estruturas sociais que a definem e a reproduzem (LEFEBVRE, 1973; FISCHER, s/d; SANTOS, 2006). A recursividade instaurada entre espaço e sociedade não nos deixa dúvida de que um é aspecto do outro e ambos são elementos de um mesmo mundo (HIGUCHI, 2002^a, HIGUCHI, 2003).

Como partes desse processo ontológico do espaço e sociedade surgem ordenamentos geográficos da sociedade. E como nos alertam os autores citados não há existência de sociedade destituída de um espaço e lugar. As estruturas sociais de classe formam arranjos espaciais de controle que valorizam e desvalorizam os elementos constituintes presentes nos respectivos territórios. Vemos que a manifestação da plena existência do homem em sua história só pode ocorrer num território, isto é, num lugar representado pelo pelos aspectos físicos mais os aspectos sociais. O território em si é o trabalho fundamentado, o lugar de residência, onde ocorrem as trocas espirituais e materiais, portanto o exercício da vida. Explicitado pelo pensamento geográfico de complexidade, caracterizado pela visão completa do ambiente onde o meio natural não se separa do meio produzido que promove varias formas de assumir o espaço.

A distribuição e o movimento das pessoas são de certa forma ditada por uma macro-estrutura de poder que determina “o lugar certo para a pessoa certa”. Nesse “regime” de coabitação há um ordenamento que é derivado de uma ordem maior (MOREIRA, 2006), isto é, que uma sociedade é reconhecida pelo ordenamento de seu território e o uso que os diversos segmentos sociais fazem dos recursos ali disponibilizados. O ordenamento territorial caracteriza-se como uma manifestação dos aspectos sociais, de modo a manter a funcionalidade de sua própria realidade. No pensamento vigente há um lugar para a natureza e

outro para a sociedade humana. Algumas áreas são organizadas para morar enquanto outras áreas são escolhidas para serem protegidas. Em alguns lugares os acessos são permitidos para um grupo enquanto que, noutros lugares há um impedimento. Esses ordenamentos que emergem das normas sociais acabam criando territórios diferenciados, entre os quais os denominados como públicos e privados.

O binômio privado-público tem sido tradicionalmente expresso como relações de domínio, as quais se fundamentam na macrodicotomia “sociedade-Estado”. Por estar nessa esfera não há consenso na caracterização exclusiva desses territórios tendo em vista as ambigüidades óbvias que surgem nessa classificação (MOREIRA, 2006). Em alguns casos essa dicotomia se fundamenta nos princípios conceituais do individual e coletivo, onde individual seria privado e coletivo, o público. Em outros casos o autor coloca que essa conceituação se contenta em fazer analogia do privado para a esfera familiar e o público à esfera política.

A noção de privado e público no campo sociológico foi incorporada na produção do espaço em princípio por Hannah Arendt (2008). Identificando o espaço privado relacionado à arena de atividades de manutenção da vida de intimidade, portanto, tarefas da família. Já o espaço público diz respeito às atividades comuns, ou seja, de tarefas da polis. Foi inspirada no pensamento grego que Arendt concebe as distinções entre o privado e o público. Essas distinções provocam uma eternamente emergente tensão entre “necessidade-liberdade” e “igual-desigual”. No âmbito do privado a autora associa, a idéia da necessidade e dos desiguais, e no âmbito público, a idéia da liberdade e dos iguais.

Arendt (2008) se refere nas relações dentro da propriedade privada um local onde as necessidades e as carências eram destinadas a manutenção individual e sobrevivência como vida da espécie, o que automaticamente exige a companhia de outros. Essa necessidade de manutenção da família gera uma relação direta com a liberdade reconhecida apenas na esfera pública, onde ocorriam os negócios do mundo e que para ter seu lugar nessa esfera era

necessário ter sua propriedade privada. Ser livre significava não estar sujeito às necessidades da sociedade e nem ao comando de outro, mais também não o permitia dar ordens há outros, fato existente na vida em família. Se entre os gregos antigos a família e a polis eram esferas distintas e claramente definidas, na sociedade atual, essas esferas parecem muito mais permeáveis, e de certa forma difíceis de serem separadas. Os espaços antes divididos claramente em propriedades privadas, identificado com a esfera da família, e o público identificado com a esfera da política (MOREIRA, 2006).

Os espaços públicos e privados se confundem nessa sociedade de massas, onde o público virou função para a manutenção dos espaços privados, para o bem ou para o mal é hoje a única preocupação existente, segundo Moreira (ibid). Arendt (2008), de forma distinta propõe dois conceitos básicos para a esfera pública, a primeira aquela em que todos podem ver e ouvir, e tem a maior divulgação possível, e a segunda representada pelo mundo comum a todos nós e diferente dos nossos lugares. É nos meandros dessa malha espaço-sociedade, que surgem aspectos importantes da relação pessoa-ambiente.

Portanto, ao compreender a natureza do uso e ordenamentos territoriais e como tal relação se processa durante o desenvolvimento humano, poder-se-á elucidar aspectos importantes da gestão ambiental. Dessa forma, a gestão ambiental não se limita aos termos de administração ou gerenciamento de recursos naturais, mas como um processo amplo e complexo de cuidado do lugar em que se vive e de uso social dos recursos disponibilizados para viver. Nesse sentido, estão presentes aspectos políticos, econômicos, socioculturais e geofísicos na formatação da gestão ambiental (ALMEIDA, 2006). Segundo Almeida (ibid), é por meio da gestão ambiental que se definem os rumos da sustentabilidade.

A gestão ambiental conforma na sua estrutura instrumentos diferenciados e um deles é o ordenamento territorial. O ordenamento territorial segundo Moreira (2006), tem em seu âmago o controle da coabitação no mundo, fundamento necessário da convivência espacial dos indivíduos em sociedade. Nesse processo social surgem arranjos espaciais e formas de

organização e uso dos recursos ambientais distintos que podem se caracterizar em tipos distintos de territórios, como primário, secundário e público.

Os territórios primários são interpretados como sendo uma área de controle exclusivo e permanente como o da habitação, a casa, o quarto ou uma sala em um escritório que todos os ocupantes reconhecem seus limites. É um lugar socializado de forma clara e estável que tem marcas personalizadas e identificam atitudes, valores próprios e expressam a personalidade de um indivíduo ou grupo familiar (VALERA e VIDAL, 2002).

Os territórios secundários, também identificados como semi-públicos, possuem o controle da área um pouco menos permanente e exclusivo. As regras, muitas vezes não explícitas e informais, são instituídas pelos grupos que determinam direito ao acesso e uso desses espaços, visto que esse mesmo território secundário pode vir a ser ocupado por outro grupo num período diferente, como numa mesa de bar que em determinados momentos uma pessoa ou um grupo se consideram donos do lugar, ou na sala de aula onde um aluno do turno matutino sempre senta no fundo da sala do lado da janela, mais no período da noite na mesma cadeira outro aluno estará usando aquele espaço.

Já os territórios públicos são abertos a todos e todos têm o mesmo direito de ocupá-lo (VALERA e VIDAL, *ibid*). De modo geral, um território público pode ser ocupado temporariamente por uma pessoa ou grupo, que pode ser de uso exclusivo naquele instante, ou seja, ser provisoriamente ocupado, mas não é de forma alguma posse do ocupante, pois este pertence a todos. Esses territórios englobam ruas, parques, pontos de ônibus entre outros. Como o espaço público é aberto e fluído, Fischer (s/d) alerta que pouca intimidade ele oferece e permite.

O território é, portanto, um importante elemento da existência e reprodução do agente social que o criou e o controla, além das relações políticas, uma forte intervenção cultural (FERNANDES, 2005). E essa reprodução tem a ver, não só com o lugar em si, mas também com outros atores e respectivos usos que fazem do lugar. Além disso, o vínculo com o

território delimitado é o resultado de um processo gradual e demorado em que atuam relações de várias ordens, entre atores diversos, em tempos diferenciados. Assim, a sociedade organiza e produz diferentes territorialidades em função de suas necessidades tais como habitação, instituições, organizações, templos entre outros.

Os territórios se caracterizam como recortes espaciais diferenciados, onde se conjugam identidades e diferenças, ou seja, fundamentos do eu e do outro-eu da sociedade (MOREIRA, 2006). Os indivíduos conjugam suas referências a partir do uso social destinado a cada lugar ocupado. Essas referências de uso social compõem uma trama de territorialidades, num complexo jogo de poder entre as pessoas e grupos sociais e os recursos que estão à sua disposição no ambiente.

3. USO SOCIAL DO AMBIENTE: APROPRIAÇÃO E TERRITORIALIDADE

O domínio e posse dos territórios obedecem a uma organização compreendida e compartilhada entre os membros de uma mesma sociedade, afirmando as identidades e as diferenças concretas entre as pessoas, surgindo uma regulação social do uso do espaço. Por sua vez, os arranjos espaciais formam territorialidades distintas. Em outras palavras, as territorialidades, segundo Moreira (2006) são áreas configurativas dos espaços sociais, que podem ser privadas ou públicas, individuais ou coletivas.

Valera e Vidal (2002), caracterizam a territorialidade por um padrão de conduta ou uma atividade baseada no controle que pode ser percebido, real ou intencional, que ocorre por meio da ocupação, defesa, sinalização e personalização de um espaço físico denominado território. Os autores ao apresentarem aspectos do comportamento psicológico das pessoas e a relação com o ambiente consideram que privacidade e territorialidade são conceitos fundamentais para compreender e regular a interação pessoa-ambiente, respectivamente.

Nesse sentido, privacidade é vista como controle seletivo da interação social e da informação oferecida aos outros, em duas vias, isto é, de si para os outros e dos outros para si.

Já territorialidade é concebida de inúmeras formas, algumas se referem à personalização e defesa de um lugar, de uma área física qualquer. Outros incluem a dominação, a posse, vigilância, segurança entre outros. Valera e Vidal (2002) apresentam várias definições de territorialidade e a associam como aspecto direto da privacidade, pois territorialidade é um mecanismo para se chegar a um maior grau de privacidade. Os autores se valem, pois da definição de Gifford (1987, pg 137) para caracterizar territorialidade como: “[um] padrão de condutas e atitudes sustentado por um indivíduo ou grupo, baseado num controle percebido, intencional ou real de um espaço físico definido, objeto ou idéia e que pode levar a uma ocupação habitual, sua defesa, uma personalização e sinalização deste”.

As territorialidades são produzidas a partir de valores e modos sociais específicos de cada sociedade. E em geral, a construção de um território é definida a partir de aspectos funcionais e simbólicos (FISCHER, s/d). A funcionalidade é basicamente instrumental, que tem a ver com o objetivo da atividade que será ali desenvolvida. Já o aspecto simbólico designa uma gama de valores que advém de aspectos construídos nos processos socioculturais. Portanto, qualquer arranjo espacial deve ser considerado em função do tipo de atividades e dos significados atribuídos socialmente tanto à sua localização quanto aos seus elementos constituintes. As relações sociais produzidas e reproduzidas nesses territórios, lugares de acontecimentos sociais, estão visceralmente associadas aos aspectos funcionais e simbólicos. Da mesma forma, o espaço é utilizado consciente ou inconscientemente, a partir dos valores que nele se inscrevem e pelas características e componentes funcionais (FISCHER, s/d), produzindo apropriações diferenciadas.

A demarcação dos territórios está presente nos animais e nos seres humanos, porém é com os últimos que o aspecto simbólico surge como aspecto principal, dessa forma construindo a territorialidade. Isto faz com que os humanos determinem um repertório mais

rico de comportamento, a partir de detalhamento dos territórios. O grau de privacidade está, portanto relacionado com o tipo de controle e duração temporal nos diferentes tipos de territórios.

No uso dos territórios entra em ação aspectos relativos ao lugar, ou seja, uma área tampão estabelecida para que haja uma distância do outros indivíduos, evitando possibilidades de prejuízos a si. O estabelecimento de um espaço pessoal faz parte de um mecanismo que regula os limites e mantém os níveis de resposta de invasão do próprio espaço. A ação e interação se dão de forma individual e integrada sendo que a pessoa e o entorno se fundem gerando configurações psico-socio-ambientais onde se escreve e deve-se analisar a interação social (VALERA e VIDAL, 2002). O controle seletivo da interação social e da informação oferecida aos outros ocorre sem que ele signifique necessariamente o isolamento e reserva do próprio indivíduo. O uso do espaço pessoal implica controlar a interação tanto ao nível de entradas como de saídas de socialização.

Os movimentos gerados pela ocupação humana provocam uma reflexão na conceituação de território, já que este sofre uma intensa formulação e reformulação quando observada de uma forma mais intensa como o conceito de território representado por Guattari e Rolnik (2000), que entende o território como um todo dando um sentido maior que ultrapassa o uso que fazem dele.

A articulação e a organização dos lugares em territórios geram um fluxo de informações, significados e afetividades. O sentimento de estar em casa é relativo à sensação de se estar no seu território. Guattari e Rolnik (ibid) dizem que a territorialidade é o conjunto de representações nos quais vai desembocar em toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.

Se as características funcionais permitem revelar o modelo de racionalidade presente no arranjo do espaço, a apropriação do território tem a ver com as vivências ali ocorridas pelo indivíduo ou grupo. Além de determinar estilos diferenciados de ocupação do espaço, Fischer

(s/d) acrescenta que ao ocupar um território implica a existência de elementos de apropriação que irão inevitavelmente identificar o seu ocupante e/ou usuário.

Assim, pode-se dizer que o território, impregnado de significados, símbolos e imagens, se formam em um lugar que resulta da apropriação e controle por parte de um determinado sistema social, um grupo humano, uma empresa ou uma instituição. As formas de territorialidade vão se mostrar diferentes em relação aos tipos de uso do solo (lugar) e a competição que será criada pelos usos, e no interior do mesmo uso. As necessidades que uma pessoa tem perante um espaço são imprescindíveis, pois servirá para dormir, descansar, comer, para o lazer, desta forma os espaços serão muitas vezes lugares de conflitos, pois os interesses serão contraditórios na maior parte em um convívio em sociedade. O ser humano necessita um determinado lugar no espaço para viver, só que não é meramente ocupar uma parcela do espaço, mas sim de produzi-lo. E na produção do lugar que tem-se a preocupação de seu uso, a apropriação e identificação com o território.

Nesse sentido Keller (apud Rabinovich, 2004), afirma que a familiaridade construída com o território é a pedra angular da construção do apego ao lugar. Este por sua vez é a base da construção identitária de seu ocupante. Seguindo nesse processo, a autora coloca que se a familiarização leva à identificação, que gera apego, promovendo assim características de pertencimento. Essas formas sociais de identidade tomam rumo distinto nos diferentes ciclos de vida dos indivíduos, em particular para os jovens, cujo uso social do ambiente produz fenômenos bastante curiosos, e em alguns casos, preocupantes.

4. USO SOCIAL DO AMBIENTE NA JUVENTUDE

Vários estudos nos indicam que a forma como os seres humanos ocupam e utilizam o espaço é fundamentada nos processos sociais próprios de cada grupo, de cada segmento da sociedade. De modo particular, as crianças e os jovens de nossa sociedade têm formado territórios de usos sociais bastante distintos das gerações que os antecederam (RABINOVICH, 2004). Segundo a autora, a transformação não é apenas na forma de uso, mas no arranjo do próprio lugar, seja a cidade, a rua, a casa ou o quarto. Isso quer dizer que as mudanças das pessoas repercutem em transformações do ambiente, e vice versa (INGOLD, 1995; HIGUCHI, 2002). Os jovens estão inseridos em processos sociais de modo que na produção de suas relações produzem espaços, lugares e territórios (FERNANDES, 2005).

Todos os integrantes de uma sociedade possuem lugares próprios, sendo assim, os jovens também possuem seus lugares, que pode ser determinado como seu território, esse lugar é o ambiente familiar sua casa e podendo ser mais reduzido ainda como o seu quarto ou a sua cama. Esse território delimitado, como por exemplo, nas reclamações de jovens por estarem sendo perturbados em seus quartos pela permanência de um irmão ou pelos pais. Nesse caso são pessoas estranhas no seu território, mesmo sendo da mesma família que moram na mesma casa, porém não pertencem ao seu território mais íntimo, o quarto.

A produção de novos territórios é uma atividade constante em qualquer etapa da vida. Para os jovens essa produção é mais intensa, pois é o momento que suas atividades se estendem para fora do lar. Quando se deparam com a vida que existe fora do aconchego do lar, no estabelecimento de novas relações sociais inevitavelmente criam novos territórios sociais. Esse trânsito em lugares externos a casa oferece oportunidade de novas e diferentes experiências, embora os jovens estejam longe da segurança de suas casas também estão livres para desenvolverem atividades que incluam pessoas além do círculo da intimidade familiar.

Nas atividades extra familiares os jovens se deparam com novas pessoas e ao mesmo tempo com novos lugares. Nesse traslado, onde o novo é apresentado a cada momento, os jovens visualizam a possibilidade de adquirir novos territórios, isto é, lugares em que poderiam designar uma posse para determinados usos sociais com seus pares, porque passam a utilizar esses novos lugares.

Nessa produção de novos territórios, Castro (2004) diz que a intensa vontade dos jovens em procurar o novo, quando preferem conviver na rua, local que exige coragem, aguça o imaginário, pois muitas vezes são locais desconhecidos, ao invés da segurança da casa, local de conflitos por espaço, privacidade. Na rua eles não precisam ser o que são em casa, eles estabelecem contato com outros, vencendo o medo e construindo saberes, longe da proteção da casa. Um exemplo citado por Castro (ibid) é o caso dos *skatistas* que criam novos espaços com suas pistas cheias de rampas e obstáculos, e quando não ficam em suas pistas estão à procura de novos territórios. Vários lugares da cidade podem se transformar em territórios para esse grupo de jovens, os quais eram anteriormente lugares não desejáveis para a maior parte dos outros segmentos sociais, ou então apenas espaços que servem apenas para dividir dois lugares distintos, os denominados espaços intersticiais (FISCHER, s/d).

Os espaços intersticiais que os jovens acabam transformando em territórios específicos em outras palavras os “pedaços”, segundo Magnani e Torres (1996), produzem socialidades próprias do grupo. Nesses lugares entendidos como “pedaços” são as territorialidades que os jovens formam porque ocorre nele um processo de uso e identidade pessoal e social para se diferenciar ou para assemelhar, definindo a relação de apropriação e identificação com esse espaço. É esse o espaço vivido numa relação onde o ambiente interfere e modifica o homem, que o jovem também está inserido, pois ele também é responsável na alteração dos fatores espaciais que o determinam.

Mesmo quando os jovens recebem dos adultos uma realidade posta, eles intencionalmente ou não, estão formando suas próprias realidades e forjando uma identidade

com os lugares, que é simultaneamente recebida e transformada. As possibilidades e restrições de uso do ambiente fatalmente irão acarretar em modificações de modos de pensar o espaço. Portanto, ao percorrer os espaços distintos da cidade um jovem automaticamente estará inserindo uma distinção nesses lugares (CASSAB, 2001). Assim, a familiaridade que o jovem terá com o lugar vai depender do grau de identificação existe com o uso e o apego que o mesmo está engajado.

Quando o jovem enfrenta a realidade de outros lugares, mesmo que preparados e disponíveis para a socialização e a participação espontânea com a sociedade, se defronta com uma limitação de escolha dos lugares, sendo que muitas vezes lhes restam apenas espaços não estruturados e que podem estar em condições precárias (GÜNTHER, 2004). Os jovens, entretanto, mostram que os lugares que não são úteis para um segmento da sociedade como caso exemplificado em Castro (2004) pelo grupo de *skatistas*. Esse grupo de jovens produz seus próprios espaços a partir da identificação e do uso desses lugares rejeitados. Portanto, a exclusão dos jovens do mundo dos adultos, não reconhecendo suas singularidades sociais na construção de si mesmos e da coletividade, não só acontece com relação às oportunidades sociais, mas também no acesso e no uso do ambiente que lhes é destinado.

Porém Dimenstein r. r. (2005) cita, que nas relações sociais ocorridas numa grande cidade o que representa o novo para o jovem, também há ocorrência de desconfiança e temor ao outro, aos jovens de periferia geralmente vista como instável e perigosa como essência. Conseqüentemente esses canais de comunicação e os territórios de convivência entre os jovens se tornam ainda menores do que já eram. Porque nela está inserida a falta de confiança, de encontros, do reconhecimento no outro, da ação solidária, da busca coletiva, afetando não somente a juventude de periferia que é marginalizada, assim como a juventude mais abastada, que fica trancada em suas casas de condomínios fechados, onde se encontram sem o reconhecimento social.

Nesse contexto observado por Dimenstein (2005) o território passa a depender de diferentes inter-relações marcadas pelo significado real e afetivo que cada grupo de jovens escolhe limita como sua vivência que pode ou não ocorrer com fronteiras já estabelecidas, podendo assim, gerar conflitos, com outros territórios (LOPES e VASCONCELLOS, 2006). Pode-se dizer que os jovens quando compartilham de ideais comuns, onde os códigos regem a dinâmica de seu grupo, criando uma cumplicidade de vivência em grupo, quer dizer que estão livres para criar novos espaços (ASSIS, 2005), os jovens se mostram grandes formadores de territórios em diversas oportunidades de formação de grupos que se destacam, por exemplo, na música (estilo musical comum) e no esporte (skate, futebol).

Tem sido muito comum em grandes cidades identificar a desigualdade socioeconômica, vivenciada pela lógica capitalista, que separa os espaços sociais segundo a classe social. O espaço não é ocupado apenas, é necessário atuar e participar, conviver com outros. Nesse contexto o jovem se limita ao seu local de origem, dizemos então que esses jovens da periferia também estão segregados sócio-espacialmente. A dificuldade da possibilidade de novos espaços sociais não se deve apenas às dificuldades financeiras, mas também à distância de suas residências em relação às áreas privilegiadas de lazer educação. Há, sobretudo a negligência do poder público e falta de investimento em serviços e infraestrutura urbana nas áreas mais distantes do poder dominante (ASSIS, 2005).

As complexas relações existentes no mundo atual onde se necessita interagir com os intensos fluxos de informações, comunicação e a socialização, o jovem se vê em busca de uma identidade dentro de uma cultura urbana complexa. As experiências diárias do jovem na grande cidade serão, portanto, diferenciadas conforme sua classe social, renda, escolaridade, raça, sexo etc. desta forma a cultura dominante, os discursos globais podem alterar a forma que o jovem vai interagir com o espaço de forma geral. As realidades sócio-históricas dos jovens também interferem na sua relação com o espaço vivido (SANTOS, 2007).

Higuchi (2008), diz que para a construção de novos territórios onde os jovens possam ter uma relação de zelo e apropriação social do ambiente, seriam necessárias formulações de novas práticas de como viver em grupo e uma nova imagem do coletivo, mostrando que o ambiente vivido é palco para as mudanças. Para a autora, com o fortalecimento do mundo em que o jovem está envolvido por meio de sua compreensão da realidade, o seu conhecimento e expectativas criam possibilidades de construir um repertório de condutas e atitudes com maior participação e cuidado ambiental. Esse comportamento irá de alguma forma proporcionar ao jovem, estímulos para que se envolva na busca de solução de problemas reais (HIGUCHI, 2008).

Diante desses pressupostos teóricos este trabalho procura identificar o uso social do ambiente de jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke, identificando territorialidades e tipos de territórios usados pelos jovens no seu cotidiano e a diversidade de usos sociais e as características de apego a esses espaços.

5. PROCESSOS METODOLOGICOS DA PESQUISA

5.1. Instrumento da pesquisa

Para responder como os jovens usam socialmente o ambiente no processo de formação de territorialidades utilizou-se de um instrumento de investigação tipo *survey*, caracterizado como um formulário com um conjunto de perguntas sobre um determinado tópico que não testa a habilidade do respondente, mas mede sua opinião (GÜNTER, 2008).

O formulário (Anexo I) foi organizado em duas partes: a primeira com oito questões de dados pessoais e a segunda parte com um total de oito questões. A segunda parte do formulário foi apresentada com quadros onde os jovens registravam a frequência do uso dos lugares listados (de 0 a 5 ou +) e quadros em formato de Escala Likert com cinco graus (Muitíssimo satisfeito/ Muitíssimo provável/ Concordo plenamente [5] [4] [3] [2] [1] Muitíssimo insatisfeito/ Muitíssimo provável/ Discordo plenamente). Por último são feitas duas questões sociométricas para utilização como variável independente e uma pergunta aberta o grau de importância dada aos lugares.

O formulário foi aplicado em salas de aulas de três escolas da rede de ensino Estadual e Municipal seriadas nas localidades do entorno sul da RFAD: a Escola Estadual Professora Wilma Vitoriano Gerber; o Complexo Municipal Darci Ribeiro e a Escola Municipal Antisthenes Pinto.

Para fins de validação do instrumento foi aplicado um teste piloto a um grupo de 10 jovens moradores do entorno de outra área verde, no caso o Bosque da Ciência/ INPA, para adequar as questões e a forma de aplicação. Nesse processo questões relacionadas ao tempo de aplicação foram registradas, questões foram simplificadas para melhor interpretação e número de alunos foram corrigidas.

Seguindo os procedimentos éticos propostos pela Resolução 196/1996 CNS esta pesquisa foi submetida e aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisas da Universidade Federal do Amazonas/UFAM (Anexo II). Foram encaminhadas cartas para anuência e autorização das instituições cujos jovens freqüentam (Anexo IIIa e IIIb). Para os jovens menores de 18 anos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi entregue aos pais ou responsáveis (Anexo IV), e aos maiores de 18 os próprios respondentes responderão o TCLE (Anexo V).

5.2. Participantes da Pesquisa

Os participantes da pesquisa foram selecionados aleatoriamente a partir da lista de alunos do ano letivo de 2007 em anos escolares correspondentes à faixa etária desejada para o estudo. As aplicações individuais se realizaram com grupos de no máximo 20 alunos a partir de uma seleção aleatória. Os alunos participantes eram todos residentes nas localidades do entorno da RFAD.

Participaram desta pesquisa 130 jovens, sendo 58 do sexo masculino representando 45% da amostra e 72 do sexo feminino correspondendo 55%, em idade entre 16 aos 21 anos, de três escolas públicas localizadas no entorno sul da RFAD. Os jovens freqüentavam as escolas nos períodos, noturno e vespertino. Ao caracterizar a amostra a primeira informação pertinente observada foi à proporcionalidade da população em função do sexo.

Nas tabelas 1 e 2 mostra-se a distribuição desses participantes em função da faixa etária e sexo, e a distribuição em função da escolaridade e sexo.

Idade	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
16 a 17	34	38	72
18 a 19	19	23	42
20 a 21	5	11	16
Total	58	72	130
%	45	55	100

Tabela 1: Distribuição dos participantes em função da faixa etária e sexo

Ano Escolar	Sexo		Total
	Masculino	Feminino	
6º e 7º.	14	10	24
8º e 9º.	18	16	34
Ens. Médio	26	46	72
Total	58	72	130
%	45	55	100

Tabela 2: Distribuição dos participantes em função do sexo e escolaridade

A seguir serão apresentados os resultados e discussão dos dados obtidos pelos jovens participantes desse estudo.

6. OS JOVENS E USOS SOCIAIS DO AMBIENTE

Os dados obtidos foram armazenados no programa Microsoft Office Excel. Os dados foram analisados por meio de estatística descritiva, isto é, com tabelas. Estatísticas inferenciais foram utilizadas para verificar até que ponto algumas relações ou diferenças estão ocorrendo, com testes de ajuste de curvas ou de distribuições, onde se verificaram a ausência de homogeneidade apenas para análise da frequência de dias que o jovem foi no mês anterior a pesquisa, esse teste ocorreu apenas para verificar a amostra de dados referentes ao sexo, outras variáveis não deram resultados que permitissem sua realização, impedindo que testes estatísticos aprofundados fossem realizados. Os dados absolutos de frequência foram indicados em médias.

A análise da estatística descritiva foram realizadas por meio das informações obtidas nos testes quantitativos. Com informações relacionadas a média e percentagem de indivíduos pertinentes ao apego e uso dos espaços, na caracterização e identificação dos espaços por meio de tabelas que complementam a descrição do relacionamento dos jovens com o espaço.

A amostra possui um total de 130 jovens e sua distribuição foi analisada levando em consideração, variáveis independentes (sexo, idade, escolaridade) e dependentes (território, apego e cuidado ambiental).

6.1. Frequência do uso social dos lugares pelos jovens

Os resultados assinalados pelos jovens relacionados à frequência de uso dos lugares foram organizados em categorias de frequência, onde temos: a) nunca foi, b) baixo (1 a 2 vezes ao mês), c) médio (3 a 7 vezes ao mês) e alto (mais de 7 vezes ao mês). A escola é o único lugar que não se aplica essa formatação, e, portanto teve sua organização de suas frequências diferenciadas, como podemos observar: a) nunca foi; b) baixo (1 a 11 vezes ao

mês); c) Médio (12 a 17 vezes ao mês); d) Alto (mais de 17 vezes ao mês). O que difere a escola de outros lugares é a obrigatoriedade de sua efetiva assiduidade.

Os lugares representam três grupos aqui denominados de categorias de território do jovem: a) Lugares de formação pessoal e social; b) Lugares de lazer e esporte; e c) Lugares de errância. Para Valera e Vidal (2002) essa organização está baseada na organização de grupos sociais segundo um padrão de conduta ou atividade relacionada ao controle, aqui os jovens estão organizados em seu grupo social podendo seguir num determinado controle dos territórios.

As categorias de territorialidade juvenil se organizam respeitando um ordenamento e uso dos recursos disponibilizados que os jovens fazem nos determinados territórios (MOREIRA, 2006).

a) Lugares de formação pessoal e social

Destacam-se nesse grupo os ambientes que contribuem de maneira direta a formação pessoal e social tais como: casa de amigos, casa de parentes, escola, biblioteca e igreja. Estes são lugares onde os jovens desenvolvem relações que proporcionam crescimento pessoal, social, intelectual e espiritual.

Nestes lugares os jovens buscam redes de apoio para seu lugar na sociedade a partir de critérios baseados nas relações familiares e de amizade, escolarização, religiosidade e cultura. Nestes lugares há certo controle e organização com regras bastante definidas e de conhecimento de seus frequentadores. Na tabela 3 observa-se a frequência relacionada aos lugares que compõem o grupo de formação pessoal e social.

Lugar	Não foi %	Baixa %	Média %	Alta %	Total %
Escola	0	11	11	78	100
Biblioteca	51	24	20	5	100
Casa de amigos	8	19	55	18	100
Casa de parentes	22	19	37	22	100
Igreja	19	19	34	28	100

Tabela 3 – Freqüência dos jovens nos lugares de formação pessoal e social

Nessa categoria o número de vezes que o jovem registrou nos permite caracterizar os tipos de territórios utilizados em um mês. Aqui numa relação dicotômica, apresentada por Moreira (2006), do individual e coletivo, onde o individual é caracterizado pelo privado e o coletivo pelo público, portanto pode ocorrer a possibilidade da identificação dos territórios dessa categoria na visão desse autor.

Levando em consideração ao conteúdo pesquisado referente ao numero de vezes que o jovem informou ter freqüentado durante um mês, são observados alguns aspectos. Ao desmembramos esses lugares de acordo com a principal atividade desenvolvida, juntamos escola e biblioteca como representantes de lugares de Formação Educacional nesse caso exemplos de territórios semi-públicos (MOREIRA, *ibid*), observa-se na tabela 3 que 89% dos jovens tem uma freqüência média e alta na escola. Esse dado de freqüência é elevado considerando que a presença na escola é praticamente estável, tendo em vista a obrigatoriedade da assiduidade. Ao considerarmos somente outro segmento, o da biblioteca, os jovens mostram uma freqüência praticamente inversa ao da escola. Como não é um lugar que seja exigido assiduidade dos jovens, 51% disseram não ter ido nenhuma vez ao mês que antecedeu a pesquisa, e 24% deles admitiram ter ido no máximo duas vezes. Essa freqüência mostra o distanciamento da maioria desses jovens estudantes (75%) com um aparato importante de formação educacional, uma vez que apenas 25% deles admitiu ter estado mais de três vezes no mês. Essa baixa freqüência pode ter vários motivos, como, por exemplo, a falta de bibliotecas disponíveis nas próprias escolas, bem como o difícil acesso às bibliotecas centrais, ou ainda a falta de tempo e interesse dos jovens.

Continuando a análise dos dados expressos na tabela 3, podemos juntar a casa de parentes e de amigos para representar que chamamos de espaços de Formação familiar identificado por Moreira (ibid) como territórios privados, locais que ocorrem a manutenção da intimidade (ARENDDT, 2008). Neste caso os jovens disseram ter uma frequência bastante alta (73%) na visita a casa de amigos, isto é, em média as visitas ocorrem aproximadamente 2 vezes por semana. Já a visita aos parentes ocorre numa frequência relativamente mais baixa (59%). Constatou-se que estes jovens se deslocam muito a esses lugares, embora 8% dos jovens disseram não ter ido à casa de amigos no mês anterior.

Mesmo que 22% de jovens que citaram o fato de não terem ido a casa de parentes podemos dizer que um bom número esteve se relacionando com seus parentes porque 59% deles estiveram de três a mais de sete vezes na casa de seus parentes. Comparando-se esses dois espaços de formação familiar, os jovens frequentam muito mais a casa de amigos do que os de parentes.

Por último, ao analisarmos o espaço de formação religiosa temos outro exemplo de território semi-público representada aqui pela igreja, observa-se que 19% deles disseram não ter ido a igreja nos últimos trinta dias, porém 62% deles relatam uma frequência regular semanal à igreja, isto é, pelo menos uma vez por semana. Nesse caso a igreja desenvolve atividades comuns, pois a sociedade tem participação igual, todos têm o direito de ir e vir, ver e ouvir (ARENDDT, 2008).

Concluiu-se, portanto, com os resultados apresentados que os lugares mais frequentados pelos jovens é em primeira ordem a escola (89%), seguido pela casa de amigos (73%), depois a igreja (62%), casa de parentes (59%) e por último a biblioteca (25%).

b) Lugares de Lazer e Esporte

O segundo grupo é composto por lugares cujo ambiente está relacionado com atividades de entretenimento como: academia de ginástica, balneário, shows, balada, cinema, teatro, campo de futebol, quadra de esportes. Estes são lugares onde os jovens buscam diversão e formação corporal, onde há grande possibilidade de novos encontros com outros jovens. Nesses lugares os frequentadores seguem a lógica de encontros fortuitos que não objetivam à primeira mão gerar laços mais profundos. Esses lugares não requerem necessariamente uma identificação entre os que lá costumam ir. A premissa básica desses lugares é a diversão e relacionamentos que permitam um refúgio e um relaxamento para contrapor as vivências em outros ambientes que solicitam objetivos e metas mais definidas: os ambientes são caracterizados por possibilitarem atividades de descontração, diversão e preparo físico.

No caso dessa classificação nos permite analisar uma forma de incorporar aspectos do ordenamento territorial, que tem como principal característica o controle da coabitação, algo necessário para na convivência espacial da sociedade (MOREIRA, 2006). Nesse contexto os lugares relacionados a essa categoria se enquadram como território secundário, chamados também de territórios semi-públicos onde os ocupantes possuem um controle da área um pouco menos permanente e exclusivo, identificados em: as quadras de esportes, no caso dos jovens dessa região, estão associadas às quadras de escolas ou igreja. Já no caso dos campos de futebol, shows, balneário, balada, cinema, teatro e academia classificados como locais públicos onde um grupo social pode ocupar num instante, mas de forma alguma vai ser posse do ocupante. Na Tabela 4 mostra os percentuais relativos à frequência dos jovens em cada um desses lugares.

Lugar	Não foi %	Baixa %	Média %	Alta %	Total %
Quadra de esportes	25	32	28	15	100
Campo de Futebol	48	18	20	14	100
Academia de ginástica	84	7	5	4	100
Shows	53	25	18	4	100
Balneário	57	19	21	3	100
Balada	60	20	18	2	100
Cinema	61	20	16	3	100
Teatro	81	13	5	1	100

Tabela 4 – Frequência dos jovens nos lugares de lazer e esportes

Constata-se diante dos dados apresentados na tabela 4 que os lugares destinados ao preparo físico e esportes (quadra de esportes, campo de futebol e academia) são surpreendentemente pouco frequentados por esses jovens. O percentual mais alto de frequência foi constatado na quadra de esportes (43%), quando os jovens disseram ter ido mais de 3 vezes no último mês, ao passo que 57% declara não ter ido ou ido no máximo duas vezes. Em segundo lugar aparece o campo de futebol, onde 34% dos jovens declaram ter meia ou alta frequência, já 66% deles não foram nenhuma vez ou no máximo duas vezes. O terceiro lugar, a academia é de todos a menos frequentada por esses jovens (9%), os demais 84% não frequentaram e 7% foi no máximo duas vezes nos últimos 30 dias. O baixo poder aquisitivo desses jovens pode ser uma explicação para esse uso da academia, e a ausência de lugares públicos para os campos de futebol e quadra contribuem para essa baixa frequência.

Os outros lugares de entretenimento (shows, balneário, balada, cinema e teatro) onde o jovem teria em tese, que adquirir um ingresso, pagando mesmo que valores módicos, os jovens mostraram os menores índices de uso. Por ser uma área com muitas nascentes, é comum naquela região a existência de balneários (piscinas de água corrente) que são administradas por proprietários do terreno. Nesse caso, 76% dos jovens admitem que não costumam ir a esses locais, e apenas 24% diz ter ido mais de três vezes no último mês. Os demais lugares (shows, balada, cinema e teatro) se mantêm como espaços de pouca ou nenhuma frequência desses jovens (78%; 80%; 81%; 94% respectivamente).

Esses dados nos alertam para a carência que os jovens enfrentam com relação ao lazer. Além da necessidade de ter dinheiro, o que eles tem pouco, estes são também os lugares de maior aglomeração de pessoas e incorrendo em riscos de violência, o que pode contribuir para a baixa frequência desses jovens. Comprova-se, pelos dados apresentados, que a quadra de esportes, normalmente protegida e controlada pela escola ou igreja se torna um ambiente promissor para o jovem frequentar, mesmo que ainda não frequentado pela maioria deles (57%).

c) Lugares de Errância

O terceiro grupo de lugares composto por lan house, praça, floresta, centro comercial da cidade, shopping, lanchonete, outras cidades e parque ecológico, representam lugares para os quais os jovens se direcionam em busca de experiências efêmeras com o objetivo de visitar, passar por lugares diferentes, observar novidades, comprar objetos ou ainda sem um objetivo definido, como passagem apenas. As *affordances* (especificidades) do lugar é que atraem os jovens para atividades bastante diversificadas. A tabela 5 mostra os percentuais de frequência nesses lugares pelos jovens participantes da pesquisa.

Lugar	Não foi %	Baixa %	Média %	Alta %	Total %
Lanchonete	11	22	47	20	100
Lan house	22	18	20	40	100
Shopping Center	43	36	16	5	100
Centro	19	32	41	8	100
Outra cidade	64	24	8	4	100
Praça	55	25	15	5	100
Floresta	62	24	11	3	100
Parque Ecológico	68	20	11	1	100

Tabela 5 – Frequência dos jovens nos lugares de errância

Constata-se que dois lugares têm uma característica muito típica, a lanchonete com uma frequência de 67% e a lan house com 60% dos jovens que frequentam até mais de 7 vezes por semana. Pelo grande número de lanchonetes e lan houses existentes nas localidades de residência, pode-se inferir a grande preferência desses jovens no uso desses lugares. Essa nova forma de relação que os jovens se mostram ao se relacionar com esses lugares não pela presença ou a propriedade mais pela movimentação, pois o número desses lugares é grande, essa movimentação é relação que o jovem tem com esses lugares (FISCHER, s/d).

Surpreende ainda os dados de uso nos locais bastante procurados pela população em geral, mas que esses jovens raramente visitam. A grande maioria (79%) diz não ter frequentado nenhum shopping center; da mesma forma que não se deslocam a uma praça (80%), não visitam o centro da cidade (51%) e muito menos vão a outra cidade (88%). De todos, o centro da cidade é o que se destaca com um percentual menos gritante, pois 49% dos jovens citaram que haviam ido de três a mais de sete vezes no mês. Este dado é de certa forma facilitado pelo número de linhas de ônibus que vão diretamente ao centro e pelo fato de nos fins de semana o preço da passagem ser reduzido.

Quando analisamos informações referentes aos ambientes naturais como parque ecológico e a floresta que estão muito próximo de suas casas, esses lugares possuem os mais baixos índices de uso. A maioria dos jovens diz não ter ido nenhuma vez ao parque ecológico (68%) e à floresta (62%) respectivamente, e apenas 24% e 20% teriam ido no máximo duas vezes. Os demais (14% e 12%) teriam uma frequência mensal média ou alta. Esse distanciamento com a natureza é um fato bastante enfatizado em diversos estudos, tendo em vista os poucos atrativos que esses lugares oferecem ao jovem, que busca cada vez mais atividades urbanizadas. Além disso, há que se considerar que a reserva florestal próximo de seu bairro é um ambiente restrito e proibido para visitação, muito embora vários são os relatórios da vigilância daquele local, que mostram números altos de jovens que usam os

igarapés para diversão nos fins de semana, mesmo com toda a restrição e perigo próprios que a floresta apresenta.

Diante de todos esses lugares constata-se que os jovens desta pesquisa não apresentam índices de frequência considerados necessários para suas atividades de socialização, lazer e esportes. Esses jovens estão nos termos de Castro (2004) guetificados, isto é, dificilmente se deslocam de seus lugares de residência e escola, produzindo um movimento restrito de inclusão na cidade e nas atividades sociais que a juventude carece para sua plena cidadania. Quando agrupamos as diversas atividades em tipos de uso associado vemos resultados mais esclarecedores (Tabela 6).

Lugares	Não foi %	Baixo %	Médio %	Alto %
Formação pessoal e social (FPS)	20	19	31	30
Lazer e esporte (LE)	58	19	16	7
Errância (ER)	43	25	21	11

Tabela 6 – Percentagem da frequência dos jovens nos lugares em função do tipo de uso

Na tabela 06 foi apresentada a distribuição dos jovens nos diferentes aspectos de seu cotidiano. A alta frequência na formação pessoal e social (FPS) representada por 61%, quando somadas as frequências médias e altas. Essa frequência é pertinente ao uso dos lugares como escola e igreja, que podem ser lugares compulsórios para os jovens e uma forte influência de valores supervisionados pela família ou governo. O montante de 20% dos jovens que não estiveram nos locais de FPS se deve principalmente ao baixo índice de frequência em bibliotecas.

Observa-se que em segundo lugar está o uso dos lugares de errância (ER), onde 32% dos jovens dizem participar mais de uma vez por semana. Esta frequência ainda é baixa para atividades comuns entre os jovens, que costumam de maneira geral se deslocarem em diversos ambientes, tanto como exploração de novos mundos de encontros e descobertas (FISCHER, s/d), os quais se apresentarão como cenários de escolha para as subseqüentes

mobilidades físicas e sociais. Consta-se que 43% dos jovens não estiveram nenhuma uma vez nos últimos trinta dias em lugares de ER, ou seja, quase a metade dos jovens não destina um tempo para experiências efêmeras com o objetivo de visitar, passar por lugares diferentes, sem um objetivo definido, reduzindo substancialmente o seu território de ação e as possibilidades de extensão do mesmo. Esse fato confirma o que Fischer (ibid) havia encontrado em seus estudos com jovens na Europa na década passada e Castro (2004) notava em jovens nas favelas do Rio de Janeiro.

Com frequências inversas aos ambientes de FPS e mais baixas que as de ER, observa-se que as frequências de Lazer e Esporte (LE) são extremamente baixas, ou seja, apenas 23% dizem ter frequentado uma vez cada duas semanas esses lugares. Observa-se que na região onde os jovens moram e estudam são poucos lugares que proporcionam essa atividade, e pode ser o grande responsável de 58% dos jovens não terem ido nem ao menos uma vez aos lugares destinados ao Lazer e Esporte.

Ao identificar esses lugares e os índices de frequência desses jovens, ficam alguns questionamentos, como por exemplo, se o sexo tem alguma relação na composição desses níveis. Para tanto foram efetuados testes de ajuste de homogeneidade no grupo relacionado ao sexo para verificar se essa variável determina alguma diferença obtida.

Com o teste Qui-quadrado calculado foi obtido um valor maior que o valor registrado para o grau de liberdade (2 – 5,99), considerando nível de significância de 5%, nesse caso rejeita-se a idéia que o sexo é igual quanto ao uso dos diversos lugares. O valor indica que há diferença significativa nos índices de frequência entre os rapazes e as moças. Com esse resultado do Qui-quadrado, verifica-se que as diferenças de gênero são determinantes na diferença de frequência dos jovens nos lugares de FPS, LE e ER.

6.2. Atividades desenvolvidas pelos jovens nos diversos lugares

O tipo de atividade desenvolvido em cada lugar é de alguma forma determinado socialmente, a partir de práticas constituídas pelos grupos sociais tendo como base tanto a funcionalidade, isto é, seus aspectos objetivos, quanto os aspectos subjetivos, ou seja, atividades que simbolicamente manifestam valores e significados que circulam nos grupos que o frequentam ou deixam de frequentar. O espaço é, portanto, como diz Fischer (s/d), imposto e parcelado por tais condições. A imposição é no sentido de que nenhuma atividade é genuinamente individualizada e centrada num indivíduo, mas na coletividade e nas normas que esta interação gera. Já o aspecto parcelado nos informa que cada lugar é um ambiente para um tipo específico de ocupante ou usuário (FISCHER, s/d; HIGUCHI, 2008).

Os jovens estão inseridos num mundo onde tal divisão do espaço lhes informa o tipo de atividade a ser desenvolvida em cada lugar, mesmo que este, por força de suas vivências e momento de vida, lhes indique possibilidades de transformação ou revolta. O uso instituído é reproduzido para que o jovem seja visto pelos demais grupos sociais como um cidadão pródigo. Ao contrário, se o jovem institui modos de uso diferenciados nos lugares que estão estruturados para um tipo de uso, este é visto como usuário “vândalo”. De modo geral, o jovem que vive em subúrbios ou em áreas com pouca atenção das políticas públicas sociais, incorpora o status desvalorizante que este lugar lhes forja (SANTOS, 2007).

Para os jovens desse estudo, as atividades indicadas na pesquisa foram selecionadas de modo distinto para cada lugar, de tal modo que essas atividades não representam necessariamente um uso constante, mas informam as possibilidades de uso. Assim mesmo que a frequência de uso seja incipiente ou nula, os jovens destacam o tipo de atividade possível para cada lugar apresentado. As tabelas 7,8 e 9 nos mostram o tipo de uso para cada conjunto de lugares aqui denominados como lugares de formação pessoal e social; lugares de lazer e

esporte; e lugares de errância. Os resultados estão embasados apenas naqueles jovens que admitem freqüentar os respectivos lugares apresentados.

a) Lugares de formação pessoal e social

Observa-se pelos dados sumarizados na Tabela 7, que as atividades mais freqüentes nesses lugares são relativos à comunicação, à informação, à interação e eventualmente ao passeio. Tais lugares detêm em si características próprias que indicam ao jovem aspectos de sua própria formação educacional e social. O jovem admite que a escola e a biblioteca são lugares destinados a sua informação (87% e 89%, respectivamente); a casa de amigos é um lugar para conversar (80%); a casa de parentes além de conversar (53%) pode ser um lugar para passear (38%); a igreja é sem dúvida um lugar para oração (95%).

Atividade	Lugar	Escola %	Casa de amigos %	Igreja %	Casa de parentes %	Biblioteca %
Namorar		3	2	0	0	2
Conversar		6	80	2	53	2
Rezar/Orar		0	0	95	0	0
Dançar		0	2	0	0	0
Passear		2	11	0	38	1
Trabalhar		2	1	0	0	0
Ficar informado		87	2	2	1	89
Descansar		0	2	1	8	6
Praticar Esporte		0	0	0	0	0

Tabela 7 – Atividade desenvolvida em lugares de FPS

Para esses jovens outras atividades são também possíveis, mas não chegam a ser representativas da objetividade e subjetividade impregnada no lugar já estruturado social e culturalmente. Confirma-se aqui que cada lugar é por definição um espaço já imposto e designado para um tipo de atividade compartilhada por todos os membros daquele grupo, quer

que os territórios estão sendo definidos exclusivamente a partir de seus aspectos físicos e simbólicos (FISCHER, s/d).

b) Lugares de Lazer e Esporte

Os resultados apresentados na Tabela 8 nos mostram que os lugares destinados ao lazer e esporte congregam uma gama de atividades que se diluem de acordo com a prioridade destinada por eles ao lugar. Há uma permeabilidade muito mais evidente de atividades que acontecem nesses lugares, ao contrário daqueles de FPS que são concentrados num comportamento único. Observa-se que conversar, passear, dançar, namorar e praticar esportes são atividades que estão contidas nesses lugares, como se neles se estabelecesse como lugares próprios para tais atividades. Um único lugar pode servir para diversas atividades de entretenimento, da mesma forma que uma mesma atividade pode ocorrer em diversos lugares, apenas se distinguindo as intensidades com que elas ocorrem. Já que as atividades desenvolvidas pelos jovens podem não ter apenas um objetivo específico pela sua funcionalidade, mais também estão relacionados a esses lugares aspectos desenvolvidos nos processos sócio-culturais (FISCHER, *ibid*).

Verifica-se que passear é uma dessas atividades que perpassa todos os espaços de lazer e esporte. Já conversar, no sentido de troca de idéias e passa tempo ocorre com mais intensidade nas quadras de esporte e no campo de futebol. Já namorar ocorre com mais frequência na balada (danceteria) no cinema e até no balneário, enquanto que dançar é uma atividade comum em shows, balneário e naturalmente nas baladas que são lugares já estruturados para tal. O teatro foi apontado também como um lugar que proporciona um lazer educativo com 60% deles usa para passear, pois nele os jovens declaram que ficam informados com 29%.

Essa atividade pode estar relacionada com a disseminação mediática de que o teatro é uma diversão que proporciona o desenvolvimento cultural e literário. Na tabela 8 estão identificadas as principais atividades relatadas pelos jovens.

Lugar Atividade	Quadra de esportes %	Campo de Futebol %	Shows %	Balneário %	Balada %	Cinema %	Teatro %	Academia de ginástica %
Namorar	0	1	7	10	20	41	1	6
Conversar	19	13	3	6	2	10	1	9
Rezar/Orar	0	0	1	0	0	0	0	0
Dançar	0	0	77	38	74	0	1	7
Passear	23	24	11	28	4	32	60	6
Trabalhar	1	2	0	0	0	0	0	7
Ficar informado	1	1	1	0	0	5	29	2
Descansar	4	4	0		0	12	8	7
Praticar Esporte	52	55	0	0	0	0	0	56

Tabela 8: Atividade desenvolvida em lugares de LE

Vemos que os lugares destinados a balada e o cinema apresentam 20% e 41% respectivamente, para namorar. No caso desses dois lugares o é observado que a principal atividade desenvolvida pelo jovem namorar e a segunda atividade que também merece destaque nesse lugar é o fato de 32% estarem usando-o para passear. E no caso da balada ela tem como sua principal atividade a dança com 74% das respostas dos jovens.

Nas quadras de esportes e campos de futebol os jovens ficaram divididos em três atividades. A pratica de esportes foi a mais citada com 52% em quadras e 55% nos campos de futebol representam a principal atividade nesses lugares, mais o fato de expressarem outras duas atividades vemos que esses lugares possuem multiusos. Como passear que tem 23% e 24% das respostas para a quadra e campo respectivamente, nesse caso os jovens estão procurando esses lugares para desenvolver alem das atividades de pratica esportivas também estão desenvolvendo suas relações entre seu grupo social, auxiliados pela terceira atividade que merece destaque, conversar. Essa atividade é representada por 19% das respostas dos jovens para a quadra e 13% nos campos de futebol.

Nos lugares identificados para shows, balada e o balneário tem como principal atividade para os jovens a dança, representada com 77% de suas respostas para os shows, 74% para as baladas e 38% nos balneários. Ainda merecedor de destaque no balneário e nos show tem a atividade passear com registros de 28% e 11% respectivamente.

Embora todas as atividades tenham uma característica de movimento e distração, alguns jovens indicam o descanso como sendo um uso social apropriado para o balneário, com 18% das respostas, mesmo com a música e o barulho da população que nele está. Nesse sentido o descanso também é apontado como atividade que ocorre no cinema.

Portanto o uso e o relacionamento que ocorre individualmente ou em grupo promovendo uma interação entre eles gerando o que Valera e Vidal (2002) chamam de relações psico-socio-ambientais.

c) Lugares de Errância

Os lugares de ER acomodam por si mesmo uma das atividades mais marcantes que é a de passear. Essa mobilidade que diverte é um aspecto intenso em todos os lugares exceto em Lan House que 34% estão usando esse lugar para ficar informado, o que é compreensível pela funcionalidade explícita que o lugar acomoda, restringindo inclusive o acesso daqueles que não estejam lá para operar os computadores. Associada a esses lugares está o conversar, que ocorre com mais intensidade na lanchonete com 69% e, surpreendentemente na lan house com 59%. É necessário aqui levantar a questão de que essa “conversa” pode ser a comunicação virtual já se sobressaindo da comunicação presencial. Talvez por isso a atividade de “ficar informado” seja uma das atividades apontadas como próprias ao lugar da Lan House. Namorar no shopping center (22%) e na praça (41%) é apontado pelos jovens como atividades desenvolvidas com relativa frequência, porém em menor frequência pode ocorrer também nos demais lugares de ER.

De modo particular observa-se que a floresta é citada como lugar para passear em primeiro lugar com 78%, e eventualmente ficar informado (9%) (atividades de educação ambiental que lá ocorrem) e também descansar (9%). Assim como a floresta os Parques Ecológicos possuem uma função semelhante e 71% deles tiveram como principal atividade o passeio e com 17% ficar informado. Na tabela 9 podemos estão identificados as informações quanto ao uso nos lugares de ER.

Lugar	Lanchonete %	Centro %	Lan house %	Shopping Center %	Praça %	Floresta %	Outra cidade %	Parque Ecológico %
Atividade								
Namorar	10	5	3	22	41	2	4	3
Conversar	69	4	59	7	17	1	2	4
Rezar/Orar	0	0	0	0	1	0	0	0
Dançar	0	0	1	0	0	0	3	0
Passear	17	83	1	70	38	78	69	71
Trabalhar	2	8	2	0	0	1	2	2
Ficar informado	0	0	34	0	0	9	1	17
Descansar	2	0	0	1	3	9	19	3
Praticar Esporte	0	0	0	0	0	0	0	0

Tabela 9: Atividade desenvolvida em lugares de ER

Interessante notar que, de todos os lugares, é nesse conjunto de ER que aparece a atividade de trabalho sendo desenvolvida em frequência maior que os demais lugares de FPS e LE, mesmo que as citações sejam relativamente baixas. O centro da cidade é o principal lugar usado para essa atividade com 8% das respostas.

Os lugares de errância apresentados aqui nos dão características de que o jovem está expandido seu movimento, ampliando os contatos obtidos nos lugares proximais e daqueles de espaços privados para lançaram-se em espaços mais distantes em lugares públicos, onde ele vai se apropriando do grande lugar chamado “cidade”. Neste lugar há espaços que permitem esse deslocamento para uma diversidade ampla de atividades onde vão encontrar outros jovens. Essa experiência que lhe permite a exploração de novos espaços lhe fornece também uma nova cultura, um novo conhecimento que os torna inseridos num mundo maior e

este servirá de referência para o lugar de onde vem, onde moram e onde usam como seu. O lugar de errância é um espaço de uso e que não é de ninguém, pois se converte como um espaço que sedia nesse instante o próprio deslocamento e movimento do indivíduo. E a utilização desses lugares públicos em lugares de intimidade transforma-os em lugares privados temporários, pela apropriação constituída em distintos usos sociais. Nesse sentido os lugares urbanos públicos usados se tornam a expressão provisória de um lugar privado, lugares pessoais com fronteiras hesitantes, frágeis e permeáveis (FISCHER, s/d).

6.3. Pertencimento e apego aos lugares pelo tipo de uso social

A utilização de diversos lugares nos informa os tipos de relação dos jovens forjados no cotidiano. Em certos lugares a relação do jovem com os elementos próprios do ambiente são mais salientes, noutros o que sobressai são as outras pessoas que lá estão, ou lá se dirigem para esse encontro não programado, mas presumível. É nessa produção com outras pessoas e com as coisas nele inseridas que os jovens processam trajetórias distintas de relações sociais formando territorialidades distintas, onde sentimento de pertencimento e apego ao lugar constituem bases de diferenciação do uso social. Além dessa transformação de si e dos outros com quem se relacionam, o lugar sofre modificações também. É por isso que alguns autores dizem que ao transformar a pessoa há também a transformação do lugar e vice versa (HIGUCHI, 2002). Nesse processo psicológico de aquisição cultural nos lugares e inerente transformação mútua se constrói um valor associado entre ambiente e pessoa (FISCHER, *ibid*).

Nesses usos distintos de lugares diferenciados os jovens podem criar um relacionamento mais próximo, isto é gostar de determinados lugares mais que outros e da mesma forma se relacionar com outros com os quais, de alguma maneira se identifica. A identidade social pode ser constituída a partir da idéia de pertencimento a uma determinada

coletividade cultural e em referência a um território específico (TOLEDANO, 2005). A ocupação de um território pode ser importante para delimitação dos limites grupais e como expressão de fatores culturais, funcionando assim, como um lugar onde certas tradições culturais ou características grupais são cultivadas, preservando uma identidade social comum ou elementos internos de auto-identificação. O território possui, então, certos significados, quer sejam eles resultantes de elementos concretos ou resultantes de elementos simbólicos, os quais comunicam aos seus ocupantes certos valores sociais que irão orientar as suas práticas diárias e servir de suporte para a afirmação de uma identidade comum.

Como afirma Seyferth (1994) certos tipos de identidades “podem ser atualizadas em espaços apropriados como representativos de uma dada condição social” (p.66) reproduzindo condições ou características típicas de uma determinada categoria social, criando meios para a manutenção e atualização destas identidades. O território, juntamente com os outros produtos das relações sociais, é um dos aspectos que participa na constituição da identidade do sujeito, pois “o território, os estereótipos relacionados à raça e a tradição cultural fornecem elementos simbólicos formalmente acionados para afirmar a identidade de indivíduos e grupos” (p.66). Quando esta autora fala de território, está se referindo aos aspectos geográficos ou a um espaço físico, mas também aos aspectos simbólicos presentes, o que diz respeito aos significados, as representações e valores sociais.

O território é, portanto, parte integrante das relações sociais, e as pessoas estabelecem com este uma relação de identificação e que possui na sua essência a capacidade de comunicar certos significados e valores culturais que fazem parte da constituição da subjetividade das pessoas. Esse aspecto relacionado à identidade social associada ao uso do espaço nasce de aspectos afetivos em relação ao lugar (TUAN, 1980; CORRALIZA, 2002; PADILLA e HIGUCHI, 2006; BONFIN, 2008).

Ao manifestar aspectos relacionados à avaliação sobre os lugares de suas vivências observa-se que daqueles que de modo geral os ambientes apresentados trazem afetividades. O

uso social do ambiente está na interação do espaço pessoal com o espaço cultural e social, fazendo com que se criem significados coletivos em busca de um local de moradia melhor. Esta forma de uso implica em uma preocupação maior com o espaço social para que possa haver um maior envolvimento, e que a teia de relacionamentos, possa implicar em uma preocupação maior que leve ao subsequente cuidado ambiental (PADILLA e HIGUCHI, 2006).

Os resultados dessa avaliação afetiva a respeito dos lugares vividos e que expressam uma estrutura de valores mostram índices bastante positivos por parte dos jovens participantes deste estudo. O *Ranking* Médio (RM)¹ obtido no rol de afirmações postas em forma de escala tipo Likert com 5 pontos para mensurar o grau de concordância em relação ao adjetivo dado ao lugar pelos jovens que responderam os questionários é expresso na Tabela 10.

Afirmações	RM
Gosta de viver em Manaus	4,3
RFAD é um lugar bonito	4,1
Morar perto da RFAD é um privilégio	3,9
Está satisfeito com sua casa	3,8
Proibição da entrada da RFAD é necessária para sua preservação	3,8
Satisfeito com a Escola	3,7
Está satisfeito com seu bairro	2,7
No bairro tem coisas boas para os jovens	2,1

Tabela 10: RM das questões relacionadas ao apego aos lugares.

Os jovens possuem uma afeição em especial a sua cidade, pois o sentimento de pertencimento a Manaus se destaca em relação aos demais lugares (floresta, casa e bairro). É

¹ Foi verificado quanto à concordância ou discordância das questões avaliadas, através da obtenção do RM da pontuação atribuída às respostas, relacionando à frequência das respostas dos respondentes que fizeram tal atribuição, onde os valores menores que 3 são considerados como discordantes e, maiores que 3, como concordantes, considerando uma escala de 5 pontos. O valor exatamente 3 seria considerado “indiferente” ou “sem opinião”, sendo o “ponto neutro”, equivalente aos casos em que os respondentes deixaram em branco. O cálculo do *Ranking* Médio é feito a partir do número de sujeitos que escolhem determinado grau em cada pergunta.

surpreendente ainda a afetividade relativa à floresta. Esses dados confirmam os estudos produzidos por Padilla e Higuchi (2006) onde estes autores constatam que morar perto de uma reserva florestal é tido como um privilégio para a maioria dos moradores. No estudo feito por esses autores foi verificado que muitas famílias vieram do interior, em lugares com grande expressividade da natureza, e, portanto estar diante da paisagem da RFAD traz um sentimento nostálgico, pois remete a lembranças associadas às vivências positivas em outro lugar. Considerando que os jovens deste estudo são inevitavelmente oriundos dessas famílias, o sentimento parece prevalecer. Estas experiências vividas *a priori*, auxilia na escolha do lugar e na construção do sentimento de pertencimento e conseqüentemente, remete à noção do cuidado ambiental, observada quando os jovens manifestam o alto desejo de preservação da reserva florestal.

Os resultados apontam ainda que os jovens expressam uma afetividade muito positiva à sua casa, mesmo que esta não esteja acima da cidade ou da floresta. Isso pode acontecer tendo em vista aspectos inerentes à condição material das casas, que pela característica dos moradores de baixa renda, o jovem percebe tais aspectos da casa e gostaria de tê-la diferenciada para maior visibilidade social (HIGUCHI, 2002; 2003).

De todos os lugares o bairro se apresenta com uma afetividade abaixo da média. No trabalho feito com as famílias da mesma localidade no entorno da RFAD, Padilla e Higuchi, (2006) observaram que os adultos manifestavam um orgulho intenso pela transformação da área inicialmente rústica em uma área habitável. Já com os jovens, que vivem inseridos num ambiente urbano, essa vivência foi pouco acompanhada, e pelas restrições de recursos o bairro continua ainda com sérias carências de serviços urbanos, apresentando, pois uma das possibilidades dessa diferença com os estudos dos autores acima citados.

De acordo com Fischer (s/d), existem alguns aspectos que caracterizam a maneira em que o indivíduo produzirá significados e conseqüentemente um sentimento de pertencimento. Este processo de enraizamento ocorre primeiramente em uma dimensão pessoal, psicológica,

que se mistura em uma dimensão social do espaço, e cria um envolvimento social e comunitário. A partir desta caracterização percebe-se que se acham inseridos no conceito de pertencimento tanto fatores objetivos e subjetivos, isto é, tanto uma identificação pessoal com o lugar, quanto um processo de apropriação social do lugar, com constante re-significação do mesmo. Isto pode ser visto na divisão indissociável feita por Lestinge (2004), onde o pertencimento é um sentimento, uma afetividade pelo lugar (enraizamento) e também uma forma de envolvimento com um todo, um coletivo. De forma geral as experiências vividas pelo jovem de forma singular e as interações com as outras pessoas jovens ou não, deste mesmo lugar são fatores constitutivos de pertencimento os quais estão inevitavelmente associados às características geofísicas do ambiente.

Giuliani, Ferrara e Barabotti (2000) nos alertam que o apego ao lugar, ou seja os elos afetivos, vão se desenvolvendo gradualmente a partir do tempo e estão diretamente relacionados com as vivências das pessoas, as características do ambiente e o que ele oferece ao indivíduo que nele está inserido. Além disso, estão presentes os valores e significados dados ao lugar a partir de uma construção relacionada ao tempo de residência e familiaridade com o local. Todos esses aspectos atuam de forma complementar e complexa na formação do apego, que se manifesta também pela satisfação com o lugar em que usa socialmente. No gráfico 1 apresentados os RM da satisfação dos jovens quanto aos lugares de FPS.

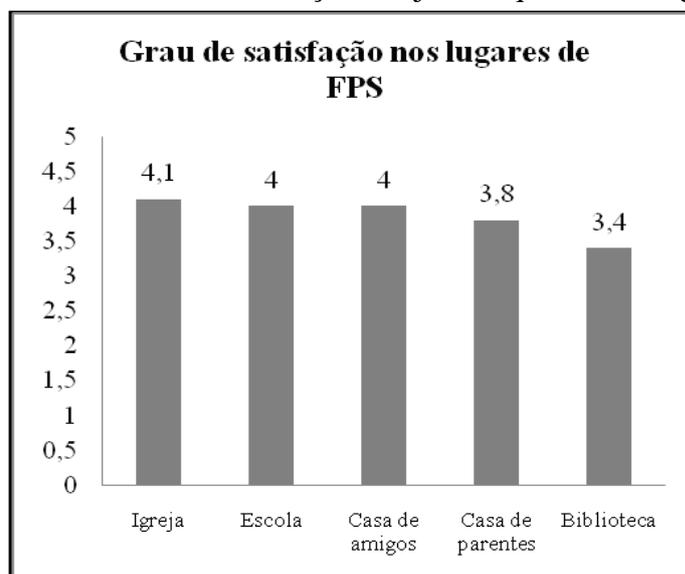


Gráfico 1: Valor do Ranking médio dos lugares de FPS, segundo o grau de satisfação dos jovens

No gráfico 1 são apresentados os dados gerais em ordem crescente, e observamos nele que o índice mais baixo do RM é o da biblioteca, lugar que muitos jovens não estão familiarizados devido ao difícil acesso para frequentá-lo.

Na tabela 11 constata-se que os jovens manifestam graus elevados de satisfação positiva com os lugares relativos à FPS. Esse sentimento de satisfação possibilita observar aspectos inerentes à qualidade do lugar para os jovens.

Grau de satisfação lugar FPS	RM	RM Masculino	RM Feminino
Igreja	4,1	4,1	4,2
Escola	4,0	3,7	4,2
Casa de amigos	4,0	3,8	4,1
Casa de parentes	3,8	3,7	3,9
Biblioteca	3,4	3,3	3,5
Total	3,9	3,7	4,0

Tabela 11: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de FPS

Os jovens, de modo geral, indicam que todos os lugares de FPS lhes proporcionam elevados índices de satisfação, mesmo em ambientes que foram identificados como pouco frequentados como é o caso da biblioteca. Se considerarmos as diferenças de gênero, observa-se nos resultados obtidos que as moças estão levemente mais satisfeitas do que os rapazes, entretanto, essa diferença não chega ser fator preponderante para afirmarmos que o sexo seja uma variável determinante de satisfação. Nesse caso Fischer (s/d), diz as relações com os lugares não são apenas material ou funcional, tem uma valorização que ultrapassa o caráter físico dos lugares e produz significado ligado à dimensão psicológica presente em todos como o gostar, estar satisfeito, se apropriar.

Ao considerarmos a satisfação referente aos lugares de lazer e esporte (LE), verificamos que de todos os lugares, este é que foi pontuado com menor ranking médio total em relação aos outros lugares (FPS e ER), embora os índices ainda apontam para uma

satisfação acima da média com todos os lugares apontados, exceto com a academia de ginástica que possui um valor abaixo da média, como podemos observar no gráfico 2.

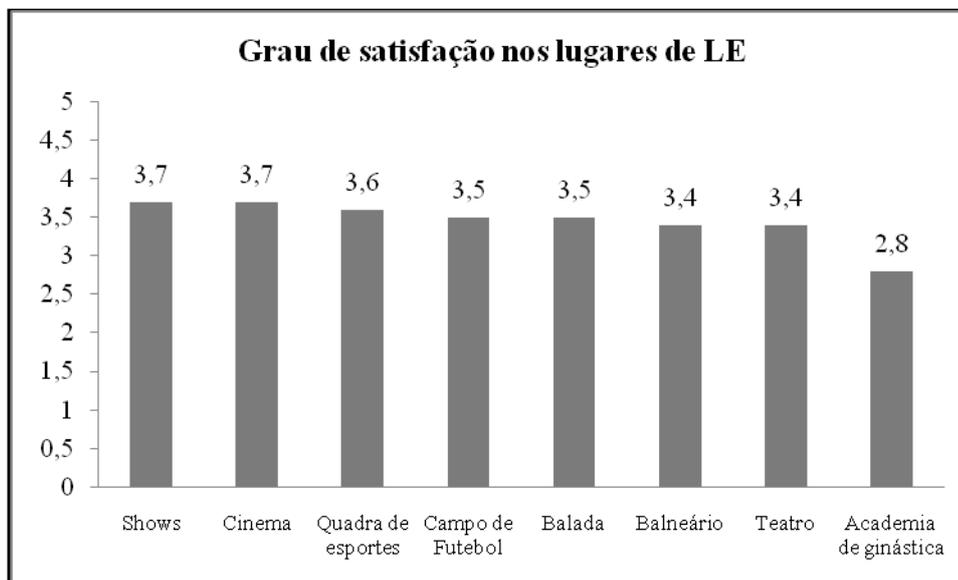


Gráfico 2: Valor do Ranking médio dos lugares de LE, segundo o grau de satisfação dos jovens

Assim como nos lugares de FPS o principal destaque desse gráfico é a baixa satisfação no lugar identificado pela academia de ginastica, com índices abaixo da média, esse é realmente um lugar que não esta associado aos jovens dessa localidade. Na tabela 12 podemos observar as médias obtidas em cada lugar pelos jovens em geral e separados em função do sexo.

Grau de satisfação lugar de LE	RM	RM Masculino	RM Feminino
Shows	3,7	3,5	3,9
Cinema	3,7	3,5	3,8
Quadra de esportes	3,6	3,6	3,6
Campo de Futebol	3,5	3,7	3,4
Balada	3,5	3,7	3,3
Balneário	3,4	3,2	3,5
Teatro	3,4	3,3	3,5
Academia de ginástica	2,8	2,5	3,0
Total	3,4	3,4	3,5

Tabela 12: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de LE

Observa-se que aos separarmos os jovens em função do sexo vemos uma diferença de índices daqueles obtidos na Tabela 11, que se refere aos lugares de FPS. Neste caso, vemos que ora os rapazes mostram-se levemente mais satisfeitos em alguns lugares (campo de futebol, balada) e ora as moças mostram um pouco mais satisfeitos do eles (shows, cinema, balneário, teatro e academia). Já a satisfação em relação à quadra de esportes, os jovens mostram idênticos níveis de satisfação.

Em relação à satisfação aos lugares de errância (ER) vemos na Tabela 13 todos os índices acima da média, mesmo que levemente abaixo daqueles índices obtidos nos lugares de FPS.

Grau de satisfação lugar ER	RM	RM Masculino	RM Feminino
Lanchonete	3,8	3,6	3,9
Shopping Center	3,8	3,6	3,9
Outra cidade	3,5	3,6	3,4
Lan house	3,4	3,3	3,5
Praça	3,3	3,2	3,5
Parque Ecológico	3,3	3,2	3,4
Floresta	3,2	3,2	3,2
Total	3,5	3,4	3,5

Tabela 13: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de ER

Observa-se pelos dados apresentados que ao comparar esses lugares entre si, os jovens tendem a estar levemente mais satisfeitos com os aparatos urbanos do que aqueles onde prevalece a natureza (praça, parque ecológico e floresta). Os destaques de satisfação em relação à lanchonete e ao shopping center, com maior grau relativo podem ter uma explicação ao verificarmos que são nesses locais que os jovens dizem desenvolver atividades altamente prazerosas como namorar e passear. Verifica-se que as moças apresentam índices levemente superiores aos rapazes nesses lugares como também em todos os demais, exceto o que aponta para outras cidades, e igualando o grau de satisfação quando falam da floresta.

Constata-se ainda que o grau de satisfação em relação à floresta é o menor em relação aos demais lugares de errância, mesmo que este permaneça acima da média, como vemos no gráfico 3.

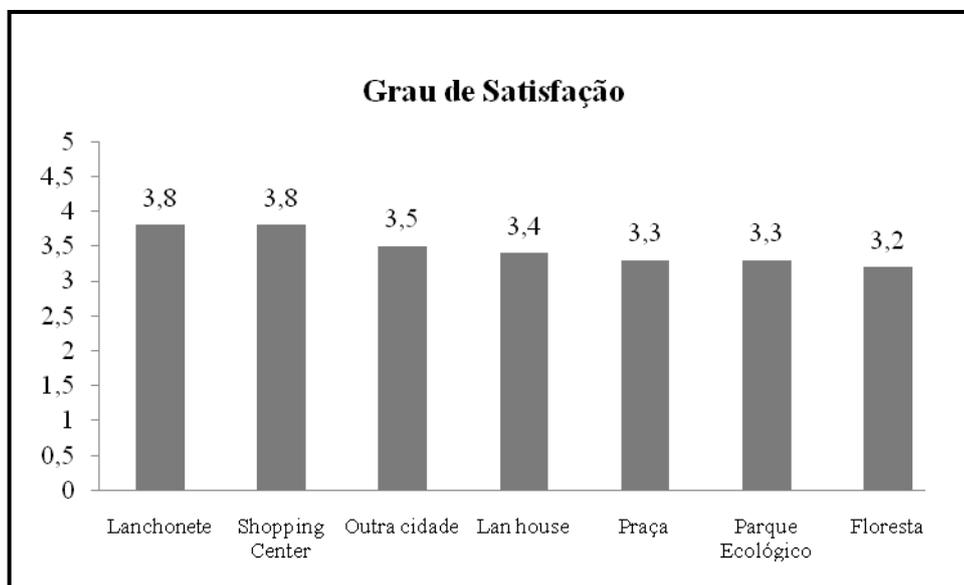


Gráfico 3: Valor do Ranking médio dos lugares de ER, segundo o grau de satisfação dos jovens

A satisfação dos jovens quanto aos lugares, podem expressar a relação de apego que possuem com os determinados lugares, nesse caso a floresta é a que menos os jovens tem afinidade, pois com o RM de 3,2 podemos dizer que a floresta não é um lugar que os jovens estão familiarizados e não portanto podem não perceber a verdadeira função deste lugar. Esses dados apresentados acima podem conter indícios de explicação quando o jovem se refere às possibilidades de ampliação da rede social de contatos, principalmente na necessidade premente de fazer novos amigos, e estes constituírem um conjunto de boas relações. Nas tabelas 14, 15 e 16 e nos gráficos 4, 5 e 6 observa-se que os melhores lugares são aqueles relativos à FPS (média do RM= 3.9), seguido pelo de LE (média do RM =3.1) e por último os lugares de ER (média do RM =2.9). Embora levemente diferentes todos os lugares tiveram índices acima da média, ou seja, esses ambientes favorecem a ampliação da rede de amizade, como podemos observar inicialmente no gráfico 4.

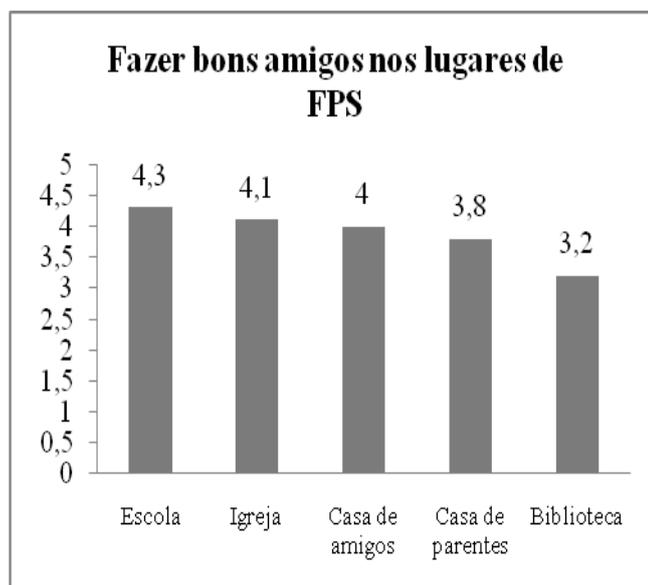


Gráfico 4: Valor ranking médio dos lugares de FPS, quanto a intenção de fazer bons amigos

Nesse caso a escola que antes tinha o segundo maior índice de RM agora é classificado como o melhor lugar para fazer amigos, se mostrando como um lugar que além de fornecer a possibilidade de informação ainda possibilita a interação entre eles. Na tabela 14 os são apresentadas os RM em relação ao sexo.

fazer bons amigos lugar	RM	RM Masculino	RM Feminino
Escola	4,3	4,3	4,3
Igreja	4,1	4,2	3,9
Casa de amigos	4,0	3,9	4,1
Casa de parentes	3,8	4,1	3,7
Biblioteca	3,2	3,2	3,2
Total	3,9	3,9	3,8

Tabela 14: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de FPS

Os jovens apresentam seus RM acima da média de satisfação em todos os lugares de FPS. Nesse caso em três lugares (Escola, Igreja e Casa de amigos) se destacam com os índices mais elevados quanto ao envolvimento social. Nas diferenças de gênero, podemos observar que as moças possuem uma tendência um pouco maior em fazer amigos, no lugar identificado como casa de amigos do que os rapazes. As médias são iguais na escola e na biblioteca, e tem-se na igreja e na casa parentes como lugares onde o índice do RM é maior para os rapazes.

Os lugares de LE obtiveram os menores índices do RM como se pode observar no gráfico 5.

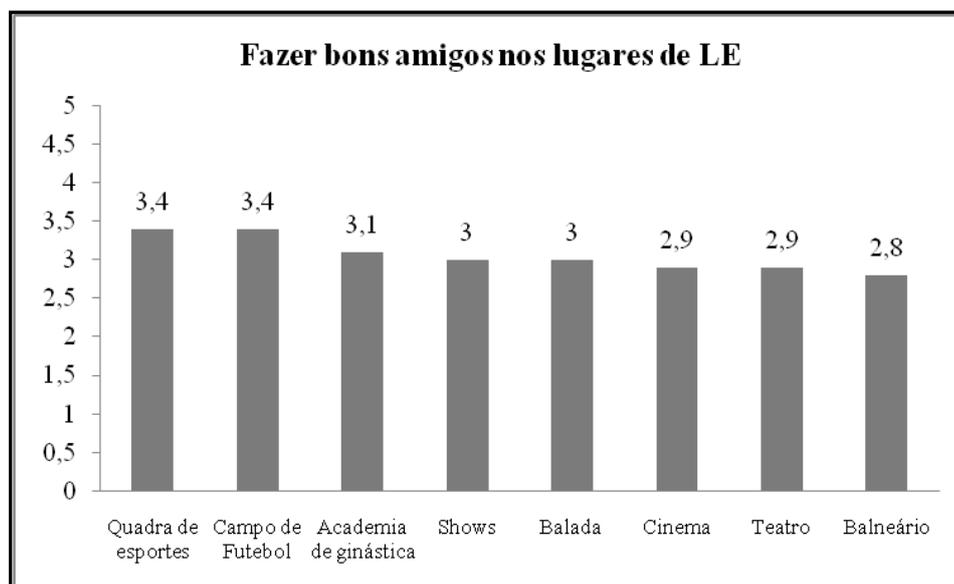


Gráfico 5: Valor ranking médio dos lugares de LE, quanto a intenção de fazer bons amigos

Mesmo os jovens estando com baixa satisfação em relação à academia de ginástica, estes a consideram como um bom lugar para fazer bons amigos, com o terceiro maior índice (3,1). Entende-se nesse caso que a interação existente entre os ocupantes desse lugar é maior do que a que ocorre nos shows, na balada, cinema, teatro e no balneário.

Ao observar o RM entre os rapazes e as moças de se fazer bons amigos nos diversos lugares de LE, constata-se na tabela 15 que há pequenas diferenças.

fazer bons amigos lugar	RM	RM Masculino	RM Feminino
Quadra de esportes	3,4	3,9	3,0
Campo de Futebol	3,4	3,9	3,0
Academia de ginástica	3,1	3,0	3,2
Shows	3,0	3,0	3,0
Balada	3,0	3,1	3,0
Cinema	2,9	3,0	2,8
Teatro	2,9	3,0	2,8
Balneário	2,8	2,8	2,8
Total	3,1	3,2	3,0

Tabela 15: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de LE

Neste caso, vemos que a possibilidade de fazer bons amigos em lugares como campo de futebol e quadra de esportes possui uma tendência um pouco maior para os rapazes do que as moças. Na tabela 15 observa-se que locais como cinema, teatro e balneário, são lugares que os jovens avaliam sua satisfação com índices abaixo da média quanto a ter novos amigos. Esses índices foram impulsionados para baixo, devido às médias inferiores dadas ao teatro e cinema pelas moças.

Com o índice médio do RM menor que a categoria anterior, porém apresentando lugares que ultrapassam os índices obtidos na categoria anterior. Por outro lado, observa-se na Tabela 16 que há alguns lugares de ER (Lanchonete, Centro e Floresta) apresentaram os índices mais baixos de possibilidade de fazer bons amigos comparando-se todos os lugares apresentados. É compreensível tal apreciação tendo em vista as características próprias desses lugares.

Lugar para fazer bons amigos	RM	RM Masculino	RM Feminino
Praça	3,5	3,4	3,6
Outra cidade	3,3	3,4	3,3
Lan house	3,3	3,5	3,1
Shopping Center	3,0	2,9	3,1
Parque Ecológico	3,0	2,9	3,1
Lanchonete	2,5	2,5	2,4
Centro	2,5	2,4	2,5
Floresta	2,3	2,3	2,3
Total	2,9	2,9	2,9

Tabela 16: Ranking médio do grau de satisfação em relação aos lugares de ER

Observa-se ainda que os rapazes apresentam índices levemente superiores aos das moças na praça, outra cidade, lan house e lanchonete. Já o shopping center, o parque ecológico e o centro obtêm índices mais elevados entre as moças do que entre os rapazes, porém mantendo-se abaixo da média total. Tanto os rapazes quanto as moças consideram que na floresta (aqui subentendida como a RFAD, ou mais propriamente o Jardim Botânico que

representa um lugar de visitação permitida da reserva) não é necessariamente um bom lugar para fazer amigos.

Esses resultados nos informam que os jovens que dizem frequentar os lugares apresentados estes o fazem com intensidades e usos diferenciados em cada lugar. Assim um mesmo lugar pode abrigar inúmeros usos sociais, dependendo da circunstância, da mesma forma que uma mesma atividade pode ocorrer em vários lugares diferentes. Constatou-se ainda que os jovens possuem elevados índices de apego aos lugares que frequenta, porém a intensidade varia com a função social compartilhada por esses jovens, isto é, o apego é maior para os ambientes de FPS, em seguida aos ambientes de LE e por último os ambientes de errância.

É na categoria identificada por errância que o lugar chamado floresta, que dá ao jovem a chance de mostrarem o seu relacionamento com a RFAD, pois ela está inserida no cotidiano desses jovens, devido à proximidade de suas residências a ela. Nesse caso foi identificado índice de menor relação de apego dos jovens quanto aos lugares estudados. Como podemos ver no gráfico 6.

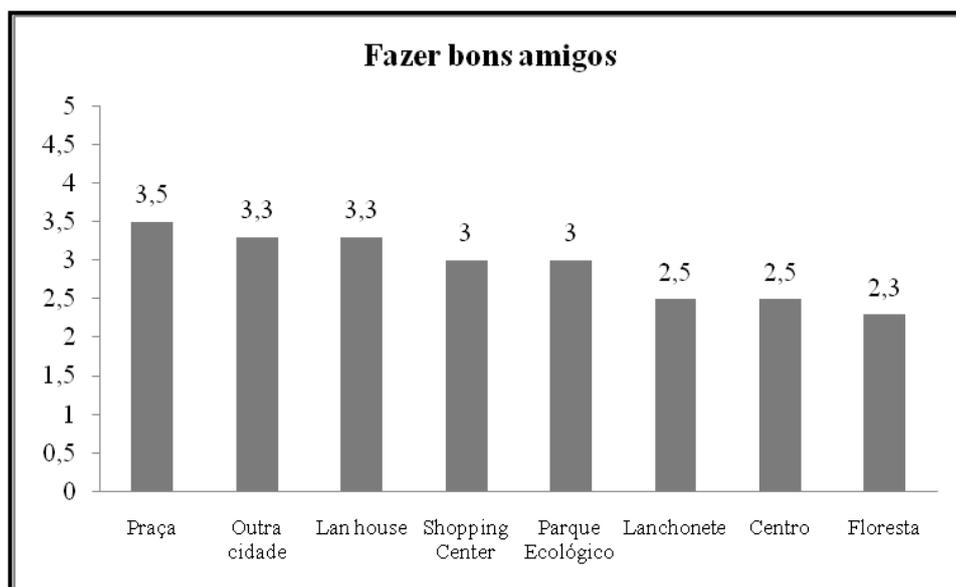


Gráfico 6: Valor ranking médio dos lugares de Errância, quanto a intenção de fazer bons amigos

No gráfico 6 mostra o ranking médio da possibilidade dos jovens fazerem bons amigos, essa uma característica de apego, observamos que a floresta novamente aparece como a que possui o menor índice, nesse caso está claro que os jovens tem a floresta apenas como um lugar distante de seu envolvimento cotidiano. Vemos aqui uma correspondência de formação de territorialidades específicas onde favorecem mais intensamente ou menos intensamente a formação de redes de amizade tão importantes nessa fase da vida de uma pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diversos grupos sociais e em diferentes culturas fazem uso de vários ambientes com funcionalidades que advém da materialidade do lugar e ao mesmo tempo esses lugares estão impregnados de significados que são construídos socioculturalmente. O uso social é, portanto uma atividade humana bastante complexa das pessoas com o ambiente. É na análise mais aproximada a um determinado grupo social, que podemos perceber o envolvimento que determinados indivíduos têm com os lugares vividos. São os lugares que usam, o quanto frequentam, o que fazem nesses lugares e como se relacionam com eles, que constituem territorialidades diferenciadas para pessoas diferentes.

Os jovens que moram na proximidade de uma Reserva Florestal se deparam com uma floresta que possibilita a ocorrência de vivências, por vezes contraditória, mas que expressa relações de afetividade sendo construídas em meio à turbulência vivida num ambiente de poucas oportunidades e possibilidades. Enquanto a floresta está disponível aos jovens, outros lugares selecionam os jovens, permitindo ou não o uso juvenil.

Os lugares dos jovens formam territórios que sustentam a produção social da cidadania desses indivíduos, por vezes bastante restrita, mas que mesmo diante das restrições o jovem se apropria dos lugares que lhe são ofertados e desenvolve atividades para gerar a satisfação necessária para se sentirem incluídos no macro ambiente da cidade. Os jovens moradores destas localidades, como outros de outras localidades ocupam, defendem, sinalizam, e personalizam os territórios para que estes se tornem lócus de acontecimento social de suas próprias vidas.

Dentre esses aspectos que proporcionam ao jovem desse grupo social se apropriar de um lugar e torná-lo território, emergem territorialidades onde os jovens se localizam e se situam socialmente. Nesse processo os jovens escolhem usos sociais que foram “permitidos”

com graus diferenciados de acessibilidade formando “pedaços” de evidências sociais e identificação juvenil.

Essas características de uso não impedem que os jovens utilizem os lugares, e ao estarem nos determinados lugares os jovens desenvolvem o processo de produção de territorialidades na defesa e sinalização, observada nas principais atividades desenvolvida em cada lugar.

Cada lugar tem um rol de atividades instituídas *pele* e *para* o jovem de um determinado grupo social que passa compreender e compartilhar com seus pares produzindo territorialidades de maior ou menor socialização. Nesse processo de construção e manutenção das distintas territorialidades os jovens além de personalizar esses territórios, instituem ondas de relações simbólicas com o lugar e os demais usuários, de modo que estão implícitas intencionalidades constituídas no cotidiano da sociedade e tentando se situar num grande ambiente formado por múltiplos territórios num lugar chamado “cidade”.

Por fim, este estudo apenas contribui com uma parte do conhecimento sobre esse tema, que longe de ser conclusivo traz alguns aspectos importantes, mas necessita de maiores reflexões e estudos que elaborem uma compreensão mais aprofundada da natureza do comportamento e formação de territorialidades juvenis.

REFERÊNCIAS

AGGLETON, P. Trabalhando com jovens: implicações para a pesquisa e a organização de programas. **Adolesc. Latinoam.**, abr. 2001, vol.2, no.3, p.138-147. ISSN 1414-7130.

ALMEIDA, F.G. O ordenamento territorial e a geografia física no processo de gestão ambiental. In: SANTOS, M.[et al.]. **Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 2ª Ed.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 10ª Ed.

ASSIS, D.P. Os circuitos de jovens de baixa renda no espaço urbano. **Dissertação de Mestrado em Psicologia**. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro, 2005. 139p

BOMNFIM, Z. A.C. Afetividade e Ambiente Urbano: Uma proposta metodológica pelos mapas afetivos. Em **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. J.Q. Pinheiro e Günther, H.(orgs.). São Paulo:Casa do Psicólogo, 2008.

CARLOS, A.F.A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1993. 2ª Ed.

CASSAB, M.A.T. Jovens podres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade. In: CASTRO, L.R. (org). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU. Ed: FAPERJ, 2001. 1ª Ed.

CASSAB, M.A.T.; CASSAB, C. Juventude: técnica e território. In: CASTRO, L.R.; BESSET, V.L. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

CASTRO, L.R. & CORREA, J. (org.). **Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais**. Rio de Janeiro: NAU Editora: FAPERJ, 2005.

CASTRO, L.R. **A aventura urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004.

CORRALIZA, J. A. Emoción y ambiente. Em Aragonés, J.I. Cognición Ambiental. Em Aragonés, J.I., Américo, M. (Coords) **Psicología Ambiental**:Madri: Ediciones Pirámide, 2002.

COSTA, R.B.; SCARIOT, A. A Fragmentação Florestal e os Recursos Genéticos. In. COSTA, R.B.(org). **Fragmentação Florestal e Alternativas de Desenvolvimento Rural na Região Centro-Oeste**. Campo Grande: UCDB, 2003.

DIMENSTEIN, M.; ZAMORA, M.H.; VILHENA, J. Sobre a vida dos jovens nas favelas cariocas. Drogas, violência e confinamento. **Revista do Departamento de Psicologia da UFF**, Niterói, v. 16, n. 1, p. 24-39, 2005.

FERNANDES, B. N. Movimentos socioterritoriais e movimentos socioespaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. **Revista NERA** – ano 8, n. 6 – Janeiro/ Junho de 2005 – ISSN 1806-6755

FERRARA, L.D'A. **Olhar Periférico: Linguagem, Percepção Ambiental**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 2ª Ed.

FERRARA, L.D'A. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1998.

FISCHER, G. **Psicologia Social do Ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, S.D.

GIFFORD, R. **Environmental Psychology. Principles and Practice**. Boston: Allyn and Bacon, 1987.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999. 5ª Ed.

GIULIANI, M. V.; FERRARA, F., & BARABOTTI, S. One attachment or more? In G.Moser; E. Pol; Y. Bernard; M. Bonnes; J.A. Corralisa; M.V. Giuliani (Eds) **Proceedings of the 16th International Association for People-environment Studies Conference - People Place and Sustainability**. Paris, France: Hogrefe & Huber Publishers. 11-122. 2000.

GUATARRI, F. ROLNIK, S. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

GÜNTHER, H. Como elaborar um questionário. In: PINHEIRO, J. Q. & GÜNTHER, H. (orgs). **Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente**. São Paulo: Casa da Psicologia. 2008.
GÜNTHER, H., PINHEIRO, J.; GUZZO, R. **Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

GÜNTHER, I.A.; CUNHA, L.F. Onde encontrar os jovens na psicologia ambiental? In: GÜNTHER H.; PINHEIRO, J.Q.; GUZZO, R.S.L.(orgs). **Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas, SP: editora Alínea, 2004.

GÜNTHER, I.A.[et al.]. **Lugares Favoritos de adolescentes no Distrito Federal**. Universidade de Brasília: Estudos de Psicologia, 2003.

HIGUCHI, M. I. G. A socialidade da estrutura espacial da casa: processo histórico de diferenciação social por meio e através da habitação. **Revista de Ciências Humanas (Florianópolis)**, Florianópolis, v. 1, n. 33, p. 49-70, 2003.

HIGUCHI, M.I.G. Construindo caminhos de protagonismo socioambiental com adolescentes. In: CASTRO, L.R.; BESSET, V.L. **Pesquisa-intervenção na infância e juventude**. Rio de Janeiro: Trarepa, 2008.

HIGUCHI, M.I.G. **Psicologia Ambiental: Uma introdução às definições, histórico e campos de estudo e pesquisa**. Cadernos Universitários. Canoas: ULBRA, 2002a.

HIGUCHI, M.I.G.; AZEVEDO, G.C.; FOSBERG, S.S. A floresta e a sociedade: história, idéias e práticas. In: Higuchi, M.I.G. & Higuchi, N. (orgs). **A Floresta Amazônica e suas múltiplas dimensões**. Manaus/Brasília: INPA/CNPq, 2004.

INGOLD, T. Building, Dwelling, Living. In: M. Strathern (ed.) **Shifting Contexts**. London: Routledge, 1995.

LAKATOS, E.M., MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991. 3ª Ed. rev. e ampl.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LESTINGE, S.R. **Olhares de educadores ambientais para estudos do meio e pertencimento**, Piracicaba, Tese de doutorado pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11150/tde-03022005-155740/publico/sandra.pdf>) 2004. Acesso: 20/12/2005.

LIMA, A.P.[et al.]. **Guia de sapos da Reserva Florestal Adolpho Ducke, Amazônia Central**. Manaus: Áttema Design Editorial, 2006.

LOPES, J.M. VASCONCELLOS, T. Geografia da infância: territorialidades infantis. **Currículos sem Fronteiras**, v.6, PP 103-127, Jan/Jun 2006. Universidade Federal Fluminense. 2006.

LUNA, M. A apropriação da infância vulnerável. In: CASTRO, L.R. **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: NAU, editora FAPERJ, 2001. 1ª ed.

MAGNANI, J.G.C. & TORRES, L.L. (org.) Quando o campo é a cidade. In: J. G. Magnani. **BNa metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 15-48.

MOREIRA, R. O espaço e o contra-espaço: as dimensões territoriais da sociedade civil e do Estado, do privado e do público na ordem espacial burguesa. In: SANTOS, M.[e. al.]. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 2ª.Ed.

PADILLA, V.; HIGUCHI, M.I.G. Significados do Lugar: Pertencimento Como Aspecto do Cuidado Ambiental. **Relatório Final de PIBIC/INPA/FAPEAM**. Manaus. 2006.

PEREIRA, R.F. A imagem da criança e do adolescente no espelho (partido) da imprensa escrita. **Estudos Linguísticos XXXVI(1)**, janeiro-abril, 2007. p.52/61.

RABINOVICH, E.P. Barra Funda, São Paulo: as transformações na vida das crianças e na cidade – um estudo de caso. In GÜNTHER, H., PINHEIRO, J.; GUZZO, R. **Psicologia Ambiental: Entendendo as relações do homem com seu ambiente**. Campinas: Editora Alínea, 2004.

ROAZZI, A. Categorização, formação de conceitos e processos de construção de mundo: procedimentos de classificações múltiplas para o estudo de sistemas conceituais a sua forma de análise através de métodos multidimensionais. Universidade Federal de Pernambuco. **Cadernos de Psicologia**, 1995. N° 1.

SANTOS, E.M. A produção do espaço urbano e a imagem da cidade pelo migrante jovem. **Caminhos de Geografia**.Uberlândia. v.8, n. 24. Dez/2007. p.33-45.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

SANTOS, M. **O Espaço do Cidadão** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo – Globalização e Meio Técnico Científico Informacional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

SANTOS, M.[et. al.]. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 2ª.Ed.

SEYFERTH, G. **Identidade, território, pertencimento**. In: Revista Psicologia & Práticas Sociais. São Paulo, vol. 2 n° 1, 1994/1995.

SIMONETE, C.R.; MORAES, S. O. **Guia para normatização de teses e dissertações**. Manaus: UFAM, 2005.

TOLEDANO, L. **Modos de ser, morar e viver**. Monografia de Conclusão de curso. Psicologia Ulbra – Centro Universitário Luterano de Manaus. 2005.

TUAN, Y. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

VALERA, S. VIDAL, T. Privacidad y territorialidad. In: ARAGONÉS, I.A. AMÉRIGO. M. **Psicología Ambiental**. Madrid: Ediciones Pirámide, 2002.

ANEXO I - QUESTIONÁRIO

Caro jovem,

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer como os jovens usam os diferentes lugares em que vivem. Sua participação será muito importante para fazermos um mapeamento do uso social do ambiente que os jovens de seu bairro utilizam. Obrigado pela sua colaboração.

LEIA CADA QUESTÃO ATENTAMENTE

POR FAVOR, RESPONDA TODAS AS QUESTÕES

- 1) Sexo: _____ 2) Idade: _____ 3) Ano Escolar: _____ 4) Turno que frequenta: _____
 5) Religião: _____ 6) É praticante? () Sim () Não
 7) Trabalha? () Sim () Não 8) Quantos anos você mora nesse bairro? _____
 9) Você gostaria de mudar desse bairro? () Não () Sim
 10) Se a resposta for **sim**, para onde? _____ Por que?
-

- 1) Marque o **número de vezes** que no último mês, você foi:

	0	1	2	3	4	+ de 5: Quantas?
a. A escola	0	1	2	3	4	
b. Ao centro da cidade	0	1	2	3	4	
c. Ao shopping Center	0	1	2	3	4	
d. A uma balada	0	1	2	3	4	
e. Ao cinema	0	1	2	3	4	
f. Na casa de amigos	0	1	2	3	4	
g. No balneário	0	1	2	3	4	
h. Pra outra cidade (interior)	0	1	2	3	4	
i. Em Shows	0	1	2	3	4	
j. Na lan house	0	1	2	3	4	
k. Num parque ecológico	0	1	2	3	4	
l. No teatro	0	1	2	3	4	
m. Numa lanchonete	0	1	2	3	4	
n. Na quadra de esportes	0	1	2	3	4	
o. No campo de futebol	0	1	2	3	4	
p. Na igreja	0	1	2	3	4	
q. Na praça	0	1	2	3	4	
r. Na biblioteca	0	1	2	3	4	
s. Na floresta	0	1	2	3	4	
t. Na casa de parentes	0	1	2	3	4	
u. Na academia de ginástica	0	1	2	3	4	
v. Outro lugar (qual?)	0	1	2	3	4	

2) Marque com um **X** o **grau de satisfação** obtido quando você esteve nestes lugares:

	Nunca fui	Muitíssimo satisfeito	Muito satisfeito	Satisfeito	Muito insatisfeito	Muitíssimo insatisfeito
a. A escola		5	4	3	2	1
b. Ao centro da cidade		5	4	3	2	1
c. Ao shopping Center		5	4	3	2	1
d. A uma balada		5	4	3	2	1
e. Ao cinema		5	4	3	2	1
f. Na casa de amigos		5	4	3	2	1
g. No balneário		5	4	3	2	1
h. Pra outra cidade (interior)		5	4	3	2	1
i. Em Shows		5	4	3	2	1
j. Na lan house		5	4	3	2	1
k. Num parque ecológico		5	4	3	2	1
l. No teatro		5	4	3	2	1
m. Numa lanchonete		5	4	3	2	1
n. Na quadra de esportes		5	4	3	2	1
o. No campo de futebol		5	4	3	2	1
p. Na igreja		5	4	3	2	1
q. Na praça		5	4	3	2	1
r. Na biblioteca		5	4	3	2	1
s. Na floresta		5	4	3	2	1
t. Na casa de parentes		5	4	3	2	1
u. Na academia de ginástica		5	4	3	2	1
v. Outro lugar (qual?)		5	4	3	2	1

3) Marque com um **X** sua **opinião** sobre os seguintes aspectos:

	Concordo plenamente	Concordo	Nem discordo nem concordo	Discordo	Discordo plenamente
a. A Reserva Ducke é um lugar bonito	5	4	3	2	1
b. Considerando todos os aspectos, você está satisfeito com sua escola	5	4	3	2	1
c. Morar perto da Reserva Ducke é um privilegio para você e sua família	5	4	3	2	1
d. No seu bairro tem muitas coisas boas para os jovens	5	4	3	2	1
e. Em geral, você gosta de viver em Manaus	5	4	3	2	1
f. Considerando todos os aspectos, você está satisfeito com seu bairro	5	4	3	2	1
g. Considerando todos os aspectos, você está satisfeito com sua casa	5	4	3	2	1
h. A proibição de entrada da Reserva Ducke é uma medida necessária para sua preservação	5	4	3	2	1

4) Marque com um **X** sua opinião onde é mais provável fazer **bons amigos**:

	Muitíssimo provável	Muito provável	Provável	Muito improvável	Muitíssimo improvável
a. A escola	5	4	3	2	1
b. Ao centro da cidade	5	4	3	2	1
c. Ao shopping Center	5	4	3	2	1
d. A uma balada	5	4	3	2	1
e. Ao cinema	5	4	3	2	1
f. Na casa de amigos	5	4	3	2	1
g. No balneário	5	4	3	2	1
h. Pra outra cidade (interior)	5	4	3	2	1
i. Em Shows	5	4	3	2	1
j. Na lan house	5	4	3	2	1
k. Num parque ecológico	5	4	3	2	1
l. No teatro	5	4	3	2	1
m. Numa lanchonete	5	4	3	2	1
n. Na quadra de esportes	5	4	3	2	1
o. No campo de futebol	5	4	3	2	1
p. Na igreja	5	4	3	2	1
q. Na praça	5	4	3	2	1
r. Na biblioteca	5	4	3	2	1
s. Na floresta	5	4	3	2	1
t. Na casa de parentes	5	4	3	2	1
u. Na academia de ginástica	5	4	3	2	1
v. Outro lugar (qual?)	5	4	3	2	1

5) Como você se julga popular no seu relacionamento com amigos?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

6) Como você acha que eles o julgam você em termos de popularidade?

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

7) Marque com um **X** a atividade **MAIS IMPORTANTE QUE VOCÊ FAZ** em cada um desses lugares:

	Nunca fui	Namorar	Conversar	Rezar Orar	Dançar	Passear	Trabalhar	Ficar informado	Descansar	Outra resposta
a. Escola										
b. Centro da cidade										
c. Shopping Center										
d. Uma balada										
e. Cinema										
f. Casa de amigos										
g. Balneário										
h. Outra cidade (interior)										
i. Shows										
j. Lan house										
k. Parque ecológico										
l. Teatro										
m. Lanchonete										
n. Quadra de esportes										
o. Campo de futebol										
p. Igreja										
q. Praça										
r. Biblioteca										
s. Floresta										
t. Casa de parentes										
u. Academia de ginástica										
v. Outro lugar (qual?)										

8) Enumere três lugares que você considera **MAIS IMPORTANTE** em ordem de importância.

1°. _____ 2°. _____ 3°. _____

ANEXO II – PROTOCOLO DE APROVAÇÃO DO CEP



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA – CEP/UFAM



PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas aprovou, em reunião ordinária realizada nesta data, por unanimidade de votos, o Projeto de Pesquisa protocolado no CEP/UFAM com CAAE nº. 0210.0.115.000-08, intitulado: “USO SOCIAL DO AMBIENTE: UM ESTUDO COM JOVENS MORADORES DO ENTORNO SUL DA RESERVA FLORESTAL ADOLPHO DUCKE”, tendo como Pesquisador Responsável Igor José Theodorovitz.

Sala de Reunião da Escola de Enfermagem de Manaus – EEM da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus/Amazonas, 24 de setembro de 2008.

Prof. Dr. David Lopes Neto

Coordenador do CEP/UFAM

ANEXO IIIa - CARTA DE ANUÊNCIA SEDUC

Ilma Sra.
Kátia de Araújo Lima Vallina
Secretária de Educação do Município de Manaus
Nesta.

Manaus, 11 de agosto de 2008.

Prezada Senhora

Ao cumprimentar V. Sa., aproveito para me apresentar como pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, programa de Mestrado da Universidade Federal do Amazonas com o intuito de desenvolver uma pesquisa cujo título é: Uso social do Ambiente: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke- Manaus-Am.

O COMPLEXO MUNICIPAL DARCY RIBEIRO e a ESCOLA MUNICIPAL ANTISTHENES PINTO, foram escolhidos devido a sua proximidade com a região da Reserva Floresta Adolpho Ducke. Nessas escolas, será aplicado um questionário aos jovens de 16 a 21 anos, contendo perguntas que darão base para analisar o processo de formação de territorialidades (delimitação de lugares para as diferentes atividades) pelos jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke e a implicação do uso social do ambiente. Para isso, será necessário entrevistar alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Após a concordância os alunos maiores de 16 anos assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido, e para os menores de 16 anos o termo de consentimento será entregue aos pais que assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido.

Os resultados da pesquisa serão analisados e divulgados, porém a identidade dos que responderem será mantida em sigilo e anonimato. Sendo o que resta, agradeço vossa cooperação no sentido de auxiliar o pesquisador na disponibilidade da informação e no contado com os Professores, Alunos e Pais de alunos. Para maiores esclarecimentos ou quaisquer dúvidas sobre a pesquisa favor entrar em contato com Igor Jose Theodorovitz, pelo telefone: 8137-4264 ou pelo e-mail: igorjtz@gmail.com.

Anuência Pós-informação

Eu, Kátia de Araújo Lima Vallina, representante das Instituições de Ensino do Município de Manaus estou devidamente informada e esclarecida sobre a pesquisa a ser desenvolvida na Escola que represento. Atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Assinatura da Sra. Secretária
Kátia de Araújo Lima Vallina

Assinatura do Pesquisador Responsável
Igor Jose Theodorovitz

ANEXO IIb - CARTA DE ANUÊNCIA - SEMED

Ilmo Sr.
Gedeão Timóteo Amorim
MD.Secretário de Educação do Estado do Amazonas
Nesta.

Manaus, 11 de agosto de 2008.

Prezado Senhor

Ao cumprimentar V. Sa., aproveito para me apresentar como pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, programa de Mestrado da Universidade Federal do Amazonas com o intuito de desenvolver uma pesquisa cujo título é: Uso social do Ambiente: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke- Manaus-Am.

A ESCOLA ESTADUAL PROFESSORA WILMA VITORIANO GERBER foi escolhida devido a sua proximidade com a região da Reserva Floresta Adolpho Ducke. Nessa escola será aplicado um questionário aos jovens de 16 a 21 anos, contendo perguntas que darão base para analisar o processo de formação de territorialidades (delimitação de lugares para as diferentes atividades) pelos jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke e a implicação do uso social do ambiente. Para isso, participarão alunos do Ensino Fundamental e Médio. Após a concordância os alunos maiores de 16 anos assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido, e para os menores de 16 anos o termo de consentimento será entregue aos pais que assinarão o termo de consentimento livre e esclarecido.

Os resultados da pesquisa serão analisados e divulgados, porém a identidade dos que responderem será mantida em sigilo e anonimato. Sendo o que resta, agradeço vossa cooperação no sentido de auxiliar o pesquisador na disponibilidade da informação e no contado com os Professores, Alunos e Pais de alunos. Para maiores esclarecimentos ou quaisquer dúvidas sobre a pesquisa favor entrar em contato com Igor Jose Theodorovitz, pelo telefone: 8137-4264 ou pelo e-mail: igorjtz@gmail.com.

Anuência Pós-informação

Eu, Gedeão Timóteo Amorim, representante das Instituições de Ensino do Estado do Amazonas estou devidamente informado e esclarecido sobre a pesquisa a ser desenvolvida na **Escola Estadual Professora Wilma Vitoriano Gerber** que represento. Atesto que me foi entregue uma cópia desse documento.

Assinatura do Sr. Secretário
Gedeão Timóteo Amorim

Assinatura do Pesquisador Responsável
Igor Jose Theodorovitz

ANEXO IV - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -

Pais

O pesquisador Igor Jose Theodorovitz, estudante do curso de Mestrado da UFAM, solicita sua colaboração para realizar as atividades do seu projeto de pesquisa intitulado Uso social do Ambiente: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke- Manaus-Am. Para isso é importante a sua participação respondendo um questionário com perguntas sobre uso do ambiente e a escolha de lugares que os jovens fazem para desenvolver suas atividades sociais.

Sua participação na pesquisa é voluntária, não terá nenhuma despesa e nada receberá em troca. Os benefícios da participação do(a) seu(sua) filho(a) é contribuir para um melhor entendimento do uso e gestão de políticas públicas referente às áreas públicas e privadas.

O nome dos participantes não serão divulgados, sendo garantido sigilo das identidades. As informações adquiridas na Escola XXXX serão utilizadas apenas na realização deste projeto. Caso você ache que alguma informação dada não deva ser divulgada, o pesquisador jamais a utilizará. Mesmo após a sua autorização, você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa independente do motivo e sem qualquer prejuízo a sua pessoa.

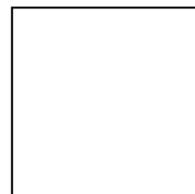
As informações dadas serão analisadas e os resultados serão divulgados em estudos científicos. Se você tiver qualquer dúvida ou quiser saber qualquer informação mais detalhada pode fazer contato com o pesquisador Igor Jose Theodorovitz, pelo telefone: 8137-4264 ou pelo e-mail: igorjtz@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____ entendi o que a pesquisa vai fazer e aceito participar de livre e espontânea vontade. Por isso dou meu consentimento para inclusão do meu filho como participante da pesquisa e afirmo que me foi entregue uma cópia desse documento.

Data ___/___/___.

Assinatura do(a) Responsável



Impressão do Polegar

Assinatura do pesquisador

Data ___/___/___.

ANEXO V - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -**Jovens**

O pesquisador Igor Jose Theodorovitz, estudante do curso de Mestrado da UFAM, solicita sua colaboração para realizar as atividades do seu projeto de pesquisa intitulado Uso social do Ambiente: um estudo com jovens moradores do entorno sul da Reserva Florestal Adolpho Ducke- Manaus-Am. Para isso é importante a sua participação respondendo um questionário com perguntas sobre tipos de territórios estabelecidos pelos jovens no seu cotidiano.

Sua participação na pesquisa é voluntária, não terá nenhuma despesa e nada receberá em troca. Os benefícios de sua participação é contribuir para um melhor entendimento do uso e gestão de políticas públicas referente às áreas públicas e privadas.

Seu nome não será divulgado, sendo garantido sigilo da identidade. As informações adquiridas na Escola serão utilizadas apenas na realização deste projeto. Caso você ache que alguma informação dada não deva ser divulgada, o pesquisador jamais a utilizará. Mesmo após a sua autorização, você tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa independente do motivo e sem qualquer prejuízo a sua pessoa.

As informações dadas serão analisadas e os resultados serão divulgados em estudos científicos. Se você tiver qualquer dúvida ou quiser saber qualquer informação mais detalhada pode fazer contato com o pesquisador Igor Jose Theodorovitz, pelo telefone: 8137-4264 ou pelo e-mail: igorjtz@gmail.com

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Eu, _____ entendi o que a pesquisa vai fazer e aceito participar de livre e espontânea vontade. Por isso dou meu consentimento para inclusão como participante da pesquisa e afirmo que me foi entregue uma cópia desse documento.

Data ____/____/____.

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Assinatura do pesquisador

Data ____/____/____.